

SILVA PINTO

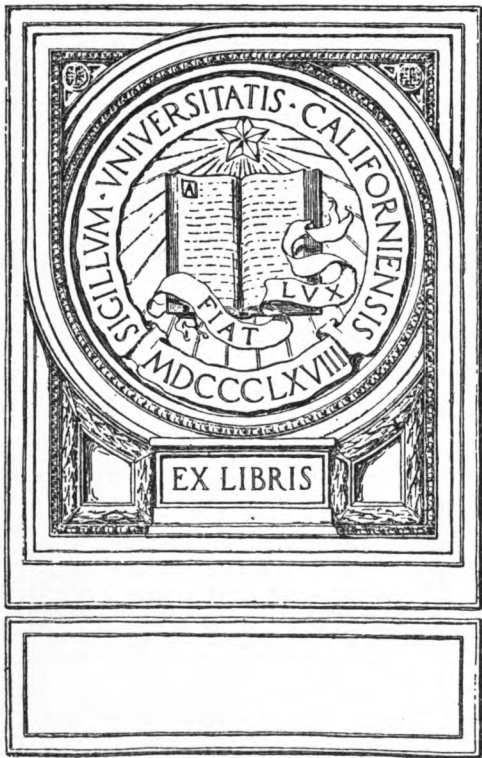
UC-NRLF



\$B 194 504

Sanfos Portuguesezes





SANTOS PORTUGUEZES

SILVA PINTO

Santos portuguezes

«...Sobe cá e mostrar-te-hei as coisas
que é necessario fazerem-se depois d'estas.»

APOCALYPSE, cap. IV. v. 1.

«E até os mesmos cabellos da vossa
cabeça todos elles estão contados.»

S. MATHEUS, cap. X, v. 30.



LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1895

BXA659
P855

TO THE
MEMBERS

afw

AO

ESPIRITO DA PLEBE

761023



PREFACIO

ANNUNCIOU-SE este livro, e, para logo, erradas conjecturas se produziram nos espiritos. Precedentes de impetuosidade do auctor impunham aos livres de pensamento a convicção de que os *Santos Portuguezes* seriam um monumento de impiedade, ao mesmo passo que os catholicos fieis criam sinceramente, pois que se tocam os extremos, na irreligiosidade do trabalho. Um quarto de seculo de sinceridade estabelece as bases d'este livro de hoje. Mas eu não me despeço do dever, a que me obriga tal sinceridade, de esclarecer os suspeitosos em assumptos de *minha fé*. Inexoravelmente, essa *fé* vincula-se á propria honra.

*

* *

Falar de Santos Portuguezes, serenamente, patrioticamente, o mesmo é que reclamar para o espirito critico o direito de arrancar ao limitado espirito de classe os heroes que são, simultaneamente, de uma religião e de um povo. Apodera-se a Historia Militar dos eminentes vultos que deram lustre ás altas concepções da Estrategiz e ás brilhantes demonstrações do Valor; celebram os panegyristas ecclesiasticos as grandezas da *disciplina* de suas egrejas; os altos sacrificadores, todos, da Sciencia, da Arte e do Civismo, revêem a grandiosidade dos seus feitos nas especiaes descripções de seus historiadores e de seus criticos. Podem assim os heroes do Catholicismo, a dentro da critica do seu paiz, encerrar-se nos limites marcados ás façanhas e aos feitos de classe? Assiste-nos o direito de restringir aos simples processos de discussão *em especialidade* o que é, de certo e alto modo, abstracto, porque é a fé pura, e ás

minudencias da analyse humana se evade, impulsionado pela particula *divina*, que na fé existe? Applicaremos ao livre exame das concentrações, dos extasis, das fulgurações espirituaes, do fanatismo altruista, o processo analytico restricto que á *acção* puramente *humana* tributamos pela critica? Diremos á fixidez severa e illuminada de um olhar que se concentra e inspiradamente se commove:— Explica nos o porque e a força da tua luz! Não é certo que não póde ser? E, assim, a critica applicavel tem de collocar-se n'um especial terreno, que é o da mais ampla liberdade e que lhe permite quebrar os vinculos do sectarismo, e os do preconceito, e os da opinião do momento—e os da Politica...

*

* *

Não ha citarmos essa palavra, sem que ouvidos terriveis para nós se inclinem, e com esse escutar attento vem o sorriso ameaçador, que é toda a critica dos que soffrem.

Aos inicios da agonia tremenda d'este seculo — assim trabalhador em espirito que productivo em embustes — a Politica resolve-se, n'um terreno inilludivel, em reclamações sociaes. São todas as reclamações do Quarto Estado, adiadas sobre a Revolução Franceza, pelas Monarchias Democraticas e pelas Republicas conservadoras. No decurso de um seculo, a obra da Burguezia Liberal e dos seus rebentos, das suas ampliações e dos seus enxertos resume-se no monopolio dos bens da terra, e a sua inepecia, acompanhando-lhe o egoismo e preparando-lhe o castigo, destruiu pela ironia os vinculos da fé, que prendiam os espiritos dos ludibriados ás esperanças de compensação n'outra vida. Pela sua parte, a Reacção Ultramontana, nas suas luctas politicas, nos seus combates singulares, nos seus concursos com essa burguezia á dominação terrena, esqueceu-se, deploravelmente para ella, de defender as almas dos miseraveis e de renovar n'ellas as sementeiras da Crença. E' só no crepusculo do seculo XIX, quando o riso de Voltaire, em pequeninos trócos de

mau cunho e de peor liga, vae das officinas da cidade ás povoações ruraes,—é só na velhice antecipada de um seculo de egoismo, de embuste e de relaxação, que um Papa intelligente pensa nos Desherdados; mas vae longe a hora do *Non possumus*, e a Egreja catholica já não offerece apenas aos repulsos do banquete social os dons da Bemaventurança; promette-lhes a garantia do trabalho —e o seculo XIX, o da Monarchia *democratica* e da Republica *conservadora*, fecha-se com a chave d'ouro do Socialismo *catholico*!

*

* *

Dois grandes trabalhadores,—um que abriu horisontes novos á arte litteraria dos nossos dias e outro que foi nos modernos tempos o mais ardente, o mais vigilante e o mais lucido campeão do Ultramontanismo,—Gustavo Flaubert e Luiz Veillot—assignalam em caracteres inilludiveis as vacillações, as covardias, as imprevidencias d'esta sociedade

parvenue, bem assim os perigos—já agora inevitáveis—que se desenham no horisonte fim de seculo. Permitto-me as citações d'essas palavras propheticas, contrariando a minha repugnancia, meditada, pela invocação do pensamento alheio em abono e auxilio do meu. Tanto se ha escripto, reproduzido, commentado e lido sobre o movimento de *lá fóra* no terreno das révindicações sociaes e sobre a entrada em scena aberta da reacção religiosa, que o momento seria o mais propicio á ostentação das ideias dos outros. Limito-me a apoiar as minhas nas seguintes palavras dos dois observadores que já citei.

Fala Gustavo Flaubert. E' na sua carta ao conselho municipal de Rouen, que embargara a ideia de um monumento ao poeta Luiz Bouillet:

« . . . Vós, praticos? Ora, adeus! Vós nem sequer sabeis sustentar uma penna, nem uma espingarda! Não tendes sequer o instincto do irracional, que consiste em defender-se; e, quando se tracta não só da vossa pelle, mas da vossa bolsa, que mais cara vos de-

vera ser, falta-vos até a energia para lançar-des n'uma urna o vosso voto! Com todos os vossos capitaes e com toda a vossa sapiencia, sois incapazes de organizar uma associação como a *Internacional!*

«Todo o vosso esforço intellectual se resume em tremer diante do futuro.

«Imaginae outro modo de vida. E dae-vos pressa! aliaz veremos abysmar-se gradualmente a França, entre uma demagogia hedionda e uma burguezia estúpida!»

Tem agora a palavra o jornalista Luiz Veuil-lot. E' nos seus *Libres Penseurs*:

«... Na privação das suas liberdades, já a Igreja não instrue o povo; esbulhada de seus bens, já o não soccorre; deshonorada na consciencia publica, pela calumnia philosophica, ridiculizada no espirito da multidão pelo riso *voltaireano*, já não vinga orientar esse povo. D'este modo, quebrados os vinculos christãos, os costumes christãos desaparecem. O povo perdeu a fé e a esperanza. Era isso o que se pretendia.

«Desgraçadamente, parallellos com este grande exito do espirito burguez, desenvolvem-se phenomenos imprevistos. O povo soffre: torna-se mau e selvagem. A inferioridade de condição, que elle outr'ora acceitava como uma lei da Providencia, que, pela mediação da Egreja se suavisava,—tal inferioridade já o povo a repelle, desde que lhe é indicada como lei brutal do acaso, que não suavisa coisa alguma. Formúla esse povo interrogações terriveis: pergunta se, nascendo iguaes todos os homens, é justo que haja ricos e pobres. Dizem-lhe que é soberano; elle aponta para os seus senhores; asseveram-lhe que vae melhorando a sua sorte; elle responde que tem fome; atiram-lhe bellas paginas de raciocinios, com cifras, sobre a justiça da desigualdade das condições humanas; elle não lê essas paginas. Prefere escutar as doutrinas loucas que refervem nos mais sombrios recantos da immensidade da sua miseria. Em lugar do Evangelho de Deus, que o consolava, acceita outros, que o fazem endoidecer. Com a raiva de um cão damnado, preso pela cor-

rente, ameaça destruir toda a ordem material e saquear tudo. Que clamores! mais formidaveis que o ribombo da trovoada! Que braços nús! mais irresistiveis que o furacão! N'uma hora cae por terra toda a sociedade politica. Esses fetos, que o vento arrebatam, são o rei, a carta, o parlamento, a magistratura e o exercito...

«Invade o terror o coração dos poderosos. — «Que faremos? Que será de nós?» Ao medonho actor, — que pretende representar o papel que lhe ensaiou a Burguezia, — offerecem inutilmente decretos, milhões, as offerendas do terror.— *O que eu quero de vós é o sangue das vossas veias!* E desvairado, com o coração a trasbordar de odio, o incendio e a destruição promptos, elle tira a prova á conta dos seus rancores...»

*

* *

Hoje, cada facto é um symptoma, e não ha factos insignificantes. Em França, a mediocri-

dade apavorada, consubstancia-se n'um Presidente Périer — que atira ao charco as responsabilidades, e foge, balbuciando civismos! E no desvanecido vulto de Félix Faure, outro *parvenu*, mostra a raça maldita dos «moderados» de todos os matizes, uma concessão generosissima da Democracia (!) ao povo trabalhador! Tal homenagem, por igual odiosa e por igual burlesca, prestaria á Plebe a Egreja, se esta descesse, como a Burguezia, a indicar no advento de um guardador de pórcos ao Pontificado a mais rasgada transigencia com os Desherdados. Não desce o Papado á vaza de uma tal ignominia. *Iguaes perante o Deus de Misericordia* — e é toda a concessão! Mas, emquanto da França ao resto da *Civilização* se communicam os pavores, que na patria dos Périer e dos Faure fazem prevêr a breve termo, como salvação contra a Anarchia, a entrada em scena régia de um qualquer aventureiro; vejam e pezem o manifesto com que o grupo socialista francez respondeu á fuga do chefe da nação: documento em que fulgura a previsão toda, com a serenidade dos que medi-

ram antes da hora da partida as durezas da viagem: — a enormidade do sacrificio:

«Fazemos a honra ao ex-presidente Périer de tomar a sério a sua demissão. Não acreditamos por um instante que quiz provocar uma nova votação do Congresso e sollicitar d'elle forças novas para uma obra, mais brutal ainda, de reacção. Seria o mais ridiculo dos processos e o mais louco dos calculos; porque nada pode restituir ao sr. Périer a autoridade que elle perdeu, e semelhante jogo seria ao mesmo tempo pueril e criminoso. Não, se o sr. Périer se retira, é para sempre. Retira-se, vencido em alguns mezes pela idéa republicana e socialista. Retira-se, porque não sentiu em si bastante vontade e coragem para levar até ao fim o combate que a reacção esperava d'elle.

Retira-se porque, sob um ar imperioso e uma voz altiva, se escondia mal uma irremediavel debilidade de character. Retira-se, abandonando em plena batalha os seus amigos desamparados. Que victoria para o povo! Que victoria para a Republica social!

O sr. Périer ousa dizer (foi esta a unica coragem que lhe ficou) que se retira porque ameaçamos as liberdades publicas. Se isto fosse verdade, o seu dever seria ficar para as defender.

Sabe bem, pelo contrario, que foram a vigilancia e a firmeza do partido socialista que fizeram abortar a tentativa de reacção que os coiligados e a Egreja

faziam com o seu nome. A verdade é que, vencido pelo nosso assalto, obrigado a uma capitulação ou a um rasgo de força, sentiu faltar-lhe a audacia na hora decisiva. Como o marechal, demittiu-se no momento preciso que separa as reacções surrateiras dos golpes d'Estado.

A verdade é que, querendo luctar contra nós, só encontrou junto d'elle instrumentos inuteis; viu que os seus grandes eleitores, os Rouvier, os Reinach, os Roche, o arrastavam pouco a pouco com elles aos latifundios do desprezo publico; viu hontem ainda o seu ministro do interior, Raynald, accusado pela camara; e, querendo apoiar-se n'esses homens, sentiu-os ceder sob a sua mão, como uma materia decomposta. Retira-se, vencido pela propria corrupção do regimen de que elle era chefe Retira-se vencido tambem pelas intrigas baixas do seu presidente do conselho. Nós, ao menos, atacavamos o sr. Périer de frente e a plena luz. O sr. Dupuy, rival vencido e manhoso, procurou sempre, na questão Gerault-Richard, na questão Raynal, comprometter o presidente da Republica: e, emquanto a democracia socialista o atacava de frente, os seus ministros aggre-diam-no traiçoeiramente, pelas costas.

Mas, vergonha ao homem que deserta do seu posto de combate, seja qual fôr esse combate! Vergonha a este regimen de corrupção e de cobardia, que já nem sequer sabe defender-se! É na deshonra d'uma fuga que morrerá a sociedade capitalista. E a derrota do

presidente da Republica annuncia e prepara a derrota do capitalismo e da reacção. Permaneçamos unidos, cidadãos, operantes e de pé! A crise suprema está talvez proxima! E nós, juramol-o, nunca desertarmos do nosso posto de combate!»

*
* *
*

Do charco das pequeninas questões, ou dos pequeninos accordos na nossa vida politica de cada hora, não é inutil subirmos, uma vez por outra, aos outeiros elevados, onde á vista se desenrolam horizontes vastos e onde o ambiente está livre de miasmas e as visões de morte são nobres como n'um campo de batalha e não deprimentes da dignidade da nossa alma — como na enfermaria d'um hospital. Nobres como n'*um campo de batalha* — e não o sonhariamos mais tremendo do que esse que além, ao fundo, a poderosa mão feita de cem milhões de mãos vae terraplenando, para o combate final. Heis de ver — podeis vê-los já — os passadores dos trócos falsos de Voltaire, a lançarem-se espavoridos nos braços da Egre-

ja — a velha mãe, e a pedirem-lhe as benções do céu para os seus canhões impotentes! Heis de ouvir os brados de misericórdia dos Egoistas, unidos aos canticos religiosos dos Fieis — e tudo isso a supplicar a intervenção do bom Deus, contra os furores dos novos Barbaros! E os *Cheiros de Paris* e os *Perfumes de Roma* hão de confundir-se, para abafar as emanações terriveis da explosão! Um rio de lagrimas — e de agua benta — precederá o mar de sangue, e, na espantosa balança da sua justiça, o bom Deus, o Deus formidavel, pezará d'um lado as afflicções, os pavores, os lamentos, as supplicas dos falsificadores da moeda de Voltaire e os *Oremus* dos seus protectores do fim do seculo, e do outro lado os gemidos dos Miseraveis no fundo das minas e no horror dos antros, onde agonisam ha um seculo — como antes da era da Promessa, — tendo por consolação e esperança a certeza da felicidade dos seus senhores e a certeza de que não haverá, além da morte, compensações ao horror da Existencia!

Deus pezará tudo — e julgará, em vespera

de batalha. Do outeiro elevado a que eu subi, prevê-se o resultado da medonha lucta, de que, lá em baixo, no charco, nem suspeita de uma ideia podeis ter. Felizes os mortos antes da tremenda hora! E, como o Nazareno, poderemos clamar sobre o Egoismo: — «Melhor lhe fôra não haver nascido!» Na bocca de Marat põe o Poeta: — «Sou o velho soffrimento humano e tenho seis mil annos!» Engano! São d'uma eternidade os sulcos de lagrimas horrozas dos combatentes que além vejo a surgir da Terra!

*
* *
*

Desço resignado, ás visinhanças do charco, e é para dizer-vos que o meu pobre livro de hoje passará incólume por entre os preparativos da lucta. Passará com a minha sinceridade. Falo de humildes perante o seu Deus; falo dos que, na culminancia do poder, ou na simplicidade da vida, sacrificaram do espirito e do coração aos necessitados de pão e de carinhos; falo de santos portuguezes, que tem-

peraram com o heroismo da Humildade o heroismo da Soberba do Portugal valente — e a breve termo do esquecimento. Desponto simplesmente as arestas mysticas do *Flos Sanctorum*, para vos mostrar apenas espiritos *sanctificados* pela Caridade — a doce irman da Justiça — antes que os sanctificasse a Egreja.

SANTOS PORTUGUEZES



INSTITUTO
NACIONAL DE
CIÊNCIAS E LETRAS

I

S. Gonçalo d'Amarante

NATURAL da aldeia de Arriconha, arcebispo de Braga, e filho de nobre familia.¹ Narra Fr. Luiz de Sousa que, ao depois de baptisado, pôz o pequeno Gonçalo os olhos na imagem de um

¹ A casa onde nasceu Gonçalo é ainda hoje habitada por honrados lavradores *que se dizem* descendentes do santo. Esta pretensão, divulgada pela *Chorographia Moderna do Reino de Portugal* (edição da Academia Real das Sciencias, 1875) contraía os fóras de nobreza que o *Flos Sanctorum* attribue a S. Gonçalo de Amarante. A não ser que, ao decorrer dos tempos, a nobre stirpe se diluisse em Plebêismo. E' crível.

Como quer que seja, existe na casa onde Gonçalo nasceu uma capella, com uma inscripção commemorativa.

crucifixo e conservou esta attenção emquanto a ama o pensou. E singularmente accrescenta que logo ao primeiro dia em que essa mulher o levou á Egreja «for elle correndo com os olhos as imagens dos altares, até chegar á do Senhor crucificado aonde parou com a vista, e, não podendo fazer mais, estendia os bracinhos, com que o queria abraçar.»

Esta sympathia do pequeno pelas imagens, se não lhe deslustra originalmente a entrada na vida, nos braços da mercenaria, tampouco se me afigura ponto de partida para jubilos paternos sobre o futuro do crente. As imagens attrahem as creanças, que por via de regra «estendem os bracinho», porque mais não podem, ao objecto que as atrahiu. Destrinçado do facto pueril o juizo do pequeno Gonçalo, temos de procurar n'um relancear d'olhos sobre os seus costumes e feitos de varão as causas da sua elevação á santidade.

Com o andar dos tempos desenvolveu-se em Gonçalo a *sympathia* pelas imagens e pelas ceremonias da Igreja, o que naturalmente influiu no animo dos paes, levando-os a confiar o pequeno ao arcebispo de Braga, que o mandou educar, e, em attenção a seus progressos, assim na virtude como nas lettras, o proveu na abbadia de S. Payo de Vizzella, d'aquelle arcebispado.

E' n'este ponto da vida do nosso heroe que a *santidade* cria e desenvolve suas raizes. Senhor de meios de fortuna, e de posição considerada, Gonçalo resistiu ás tentações do mundo, para tão sómente se consagrar com delicia á caridade. «Grandes as suas rendas, todas dispendia como Pae affectuoso, entre os freguezes mais necessitados, sem jamais enthesourar de um anno para outro.» *Santa* prodigalidade!

Mas, o dom abençoado do Altruismo não vingava satisfazer aquella alma, sedenta de outros gozos especiaes. Quiz

«com seus proprios olhos» vêr a terra que fôra berço do Christianismo, e para lá partiu, a visitar os sitios por onde soffreu Jesus, tendo préviamente confiado o governo da sua egreja e a direcção espiritual dos seus fieis a um padre, seu parenté, que elle educara e mantivera desde os primeiros annos da vida d'esse hsmem.

Em má hora para os infelizes necessitados se apartou d'elles o bemfeitor! O padre que o substituiu no governo da sua egreja converteu-se, para logo, de bom pastor em lobo das suas ovelhas. Vivia como um principe, ou como um feliz syndicateiro dos modernos tempos. E só tinha para os pobres o desprezo, os maus tratos e as insolencias do vilão. Em meio das digressões de Gonçalo pelos Logares Santos, deu-lhe rebate na consciencia o temor de que os seus freguezes não fossem carinhosamente tratados, e, apressando-se no regresso, subitamente se apresentou uma

noite á porta da residencia, d'onde o mau padre e ingrato protegido repelliu com injurias e bastonadas aquelle que o creara e «lhe dera honra e fazenda.» Facto que se tem reproduzido, com peiores variantes, no decorrer dos tempos, — que a civilisação é fertil em atenuantes no julgamento das podridões.

Foi-se o bom Gonçalo, não a pedir justiça aos poderes da terra, mas a prégar pelas povoações ruraes e a pedir esmola para os miseraveis, até que resolveu professar, e o fez na ordem de S. Domingos, — ordem que, em desharmonia com os Gonçalos, não foi o modelo de amor dos homens e do temor de Deus.

Voltou a préar o nosso heroe e como quer que a corrente impetuosa do rio Tamega embargasse a concorrência dos povos a ouvil-o, przjectou elle a ponte de Amarante e levou a cabo a sua obra, com o auxilio dos ricos e dos pobres, uns dos quaes offereceram seus haveres e outros o seu trabalho.

Estava concluída essa obra, devida á iniciativa e aos esforços de Gonçalo, já então adiantado em annos, quando um dia os seus costumados ouvintes, maravilhados da sua ausencia, foram procural-o á sua ermida. Alli o encontraram moribundo. Despediu-se d'elles a nobre e pura alma, recommendando-lhes a fé e as outras duas enchentes de consolação: a caridade é a esperanza. E recolheu-se ao Mysteroso o dôce espirito, que não previu na sua ultima hora os dias em que as «urgencias da civilisação» arrancariam aos desherdados a esperanza, a caridade e a fé!



II

S. João de Deus

NASCEU em Montemór-o-Novo, arcebispo d'Evora, em 1495. O trabalho mais completo sobre a vida d'este varão justo é o de Francisco de Castro, escripto em lingua hespanhola e traduzida em latim pelos Bollandistas. Foram tempestuosos na vida alegre do mundo os tempos da mocidade de João de Deus. Logo aos nove annos da sua idade, porque um padre frascario se hospedasse em casa de seus paes e alli exaltasse os divertimentos da côrte de Madrid, d'onde viera, pediu-lhe o pequeno João que o levasse comsigo em viagem, a occultas

dos paes. Assim o fez o indigno, do que resultou fallecer de magua a mãe de João de Deus, e o pae, attribulado e só, ir professar a Lisboa, na ordem dos Franciscanos. Bella evasiva ao suicidio, condemnada por uns cêrdos da civilisação pura !

Abandonou o padre o pequeno, a breve termo da viagem. Foi em Oropeza, onde um lavrador opulento admittiu o fugitivo ao seu serviço. Aos quatorze annos de idade, foi João de Deus encarregado por elle da superintendencia dos seus bens, offerecendo-lhe o lavrador a mão de sua filha unica. Era inexplicavel a sorte do leviano rapoz que lançara na sepultura e nos rigores da cella os extremosos auctores dos seus dias. Em homenagem do seu destino ás leis da Moral, João de Deus fugiu á imerecida ventura.

Evadiu-se mais uma vez e foi alistarse no exercito hespanhol. Era ao tempo das guerras de Carlos V contra a Fran-

ça. Os exemplos da vida desregrada dos aventureiros deram por terra com a innocencia relativa do rapaz e fizeram-no «correr a largos passos pelo abominavel caminho dos vicios» — um demorado tributo da mocidade a uns ardores indignos de canonisação.

Fôra o pequeno João de Deus, antes da funesta visita do tal padre, um devoto da Virgem Maria, e parece que se lhe não apagara de todo a devoção, em meio dos prazeres da existencia, pois que em dois casos de gravidade appellou o rapaz para aquelles restos de fé. D'uma vez lhe succedeu cahir d'um cavallo fegoso e ficar em perigo de vida; de outra, tendo deixado apprehender pelas forças militares inimigas umas bagagens confiadas á sua guarda, foi condemnado á morte. De ambas as vezes invocou o moço a sua Protectora invsiavel e á intervenção d'ella attribuiu o vêr-se salvo da morte, illuminando-se, no primeiro caso, a intelligencia do

«physico» que o tratava, e, no segundo, o coração do chefe militar — que misericordiosamente lhe perdoou a vida, expulsando-o, porém, do serviço.

E' tempo, com o auxilio da Virgem, de chegar o arrependimento. Eil-o que chega! Regressou a Oropesa o moço aventureiro, a casa do seu lavrador, e alli foi recebido como filho prodigo, e reintegrado no seu emprego. Não se humanizou, todavia, o homem até ao ponto de lhe dar a filha; e, tempos depois, lá se foi João de Deus a batalhar contra os Turcos. Contava já seus quarenta annos quando resolveu regressar a Portugal. Era tempo, para salvação da alma!

Informado da morte de sua mãe e do destino do pae, resolveu expiar as suas culpas, pelo sacrificio de todas as suas horas ao agasalho e consolo dos infelizes. Foi em Granada, no paiz visinho, que se estabeleceu o nosso compatriota. A pedir esmola, com exito singular,

ajuntou quanto importava á fundação de um hospício, onde recolhia e mantinha e tratava os pobres enfermos e aleijados. Foi assim o iniciador da ordem dos Religiosos Hospitaleiros, mais tarde (em 1572) confirmada pelo Pontífice Pio V e de tão fertéis rebentos abençoados em todo o mundo christão.

Não era só no serviço do hospital que se empenhavam as forças de João de Deus. Elle distribuia-as entre tal serviço e a *mendicidade* para os seus pobres. Tinha-se apossado d'aquella alma uma especie de delirio da Caridade, e em meio das bençãos dos infelizes o surprehendeu a morte, aos 8 dias de março de 1550, na idade de cincoenta e cinco annos.

Foi canonisado por Alexandre VIII, em 1690.



III

S. Fructuoso

Foi arcebispo de Braga, no seculo VII, sob o dominio dos Godos. O *Flos Sanctorum* de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento diz-nos «que elle trazia a sua origem no sangue real d'aquelles dominadores e que era filho de um grande general (?) que ordinariamente habitava no territorio de Vicoz, entre as montanhas de Leão e de Galliza.

Não satisfaz, e igual sorte espera os chronistas dos altos feitos militares dos generaes portuguezes contemporaneos,

que, pelo ordinario, habitam e co-habitam e mais não produzem de seus feitos. Parece que o moço Fructuoso vivia triste das mythicas façanhas do seu progenitor, ao ponto de todo se consagrar á solidão. Não resvalou á mysanthropia o isolado precoce, ainda bem para os desherdados do seu tempo.

Por morte dos seus paes, recebeu Fructuoso fartos dons de fortuna, e principiou por distribuir pelos pobres grande parte dos seus haveres, desviando outros para a fundação de um mosteiro. Um parente de Fructuoso intrigou junto ao rei Tulga, para o fim de impedir o esbanjamento. Foi attendido, mas não chegou a locupletar-se com os bens de Fructuoso, pois que a morte arrebatou d'este mundo o onzeneiro. Estava a Parca em maré de justiça!

Vingou o plano da fundação do mosteiro, sendo Fructuoso auxiliado pelo rei Chindasvincto, successor de Tulga, que o favoreceu com livros, mobílias e orna-

mentos. Inaugurado o mosteiro, produziu-se no espirito do fundador um desvio que o transportou á vida do deserto, Alli viveu, austero e contemplativo, durante largo tempo, até que, melhor inspirado, regressou ao convento, onde se consagrou ao exercicio de caridade para com os desvalidos da fortuna.

Narram os discipulos do santo numerosos casos de milagre que constam do «Segundo Seculo Benedictino», de Mabillon; mas o melhor é cingirmo-nos rigorosamente ao que não repugna á debil comprehensão dos contemporaneos.

Veu por aquelles tempos a vagar o cargo de arcebispo de Braga, e, n'um concilio realizado em Toledo, como quer que a fama das virtudes de Fructuoso se houvesse vulgarizado e radicado, foi elle escolhido e nomeado para aquelle cargo, pois que, pelo visto, ainda não levedavam os processos que doze seculos mais tarde haviam de determinar nomeações. Um padre honesto e carido-

so, — e alli estava um arcebispo! Foi no tempo dos Godos.

Diz o *Flos Sanctorum* — que Fructuoso «feito arcebispo gastava muita parte do tempo em distribuir esmolos e edificar mosteiros». E' a primeira parte d'estes dispendios que lhe dá logar na galeria dos meus santos; mas não o prejudica a segunda — a edificação dos taes abrigos — perante a Humanidade que elle serviu e honrou.

Teve boa morte, como deve tel-a o homem justo. Como quer que á volta do seu leito de agonia chorassem os circumstantes, elle os animava em suas magoas, por estas palavras de bom crente: — «Vós choraes pela minha morte e eu a recebo com grande prazer e pela esperança que me assiste de que, ainda que peccador, tenho de ir ao céo, confiado na graça do nosso bom Senhor.» Com outra orientação espiritual, poderia dizer, igualmente resignado e de boa sombra: — «Estimo ir-me embora, porque

é impossivel encontrar peor que tudo isto.»

Foi a 16 d'abril de 1665 que elle adormeceu no somno eterno.

4





IV

Santa Joanna

(PRINCEZA DE PORTUGAL)

FALO de Santa Joanna, Virgem,— principalmente Virgem! Era filha de el-rei D. Affonso V e de sua legitima esposa D. Isabel e nasceu em Lisboa aos 10 de fevereiro de 1452. Por morte de sua mãe foi commettida a sua educação a D. Beatriz de Menezes e a uma sua tia, D. Filippa, irman de sua mãe. As virtuosas senhoras curaram logo de installar no espirito da pequena Joanna as maximas da Religião. Não lhes foi penoso o encargo, pois que a indole da educanda, avêssa ás pompas do mundo, toda

se comprazia n'um recolhimento espiri-
tual.

Medrou em annos e em virtudes a mimosa, e tal fama de honestidade, formosura e são juizo se espalhou em seu louvor, que de grande numero de côrtes da Europa principiaram de affluir os pedidos de cazamento por parte de monarchas e principes, insistindo seu pae por que a joven princeza escolhesse entre os pretendentes o mais digno da posse de tal thesouro.

Por mal dos homens, resolvera Joanna consagrar-se, n'uma virgindade perpetua, ao culto do seu Deus: «O seu maior gosto — diz Margarida Pinheira, que foi camareira da princeza, — era conservar-se no seu oratorio, em meditações e lições pias». Como que as suas relações com a Humanidade se limitavam a adoçar, pela esmola, as amarguras dos pobresinhos.

Tão fundo em seu animo lançara rai-
zes o proposito de privar os homens da

apetecida posse de sua pessoa, que ao regressar seu pae, D. Affonso V, de uma expedição a Africa, contra os Mouros, ella o foi receber ao desembarque e assim lhe fallou — tinha então desanove annos,— «não menos pia que discreta»:

«Meu pae e senhor, sempre foi costume, ainda entre os principes gentios, offerer a Deus alguma coisa estimada, em acção de graças pelas victorias conseguidas. E se mais o deve fazer um rei christão e um rei tão pio como o é Vossa Magestade por divina misericordia, eu que vivo na certeza do muito que Vossa Magestade, por bondade sua, me ama, lhe rogo humildemente que em reconhecimento dos grandes beneficios que deve ao poderoso Deus dos exercitos, lhe faça generosa offerta da minha pessoa, *permittindo que eu lhe consagre perpetuamente a minha virgindade*. Isto é o que eu mais desejo, e espero que Vossa Magestade me conceda esta graça em um

dia de tanta gloria para mim e para todo o reino!»

Não esperava por esta o *Africano*, e preparava-se para recusar a graça á filha de suas entranhas, quando «após um penoso combate no interior» condescendeu com as lagrimas e as supplicas de Joanna. Dia de festa para a princeza e para a côrte celestial, mas de semsaboria para os pretendentes á linda mão da formosa!

Entrou na galeria dos meus *santos* esta filha de D. Affonso V, não trazida pela sua virgindade — victoria do mysticismo sobre o temperamento, mas de violencia contra a natureza humana. O que lhe estabelece honroso logar é a virtude da Humildade, que lhe constituia em repulção as grandezas e as pompas do grande mundo e que só lhe deixava no coração espaço para dois cultos: o do seu Deus e o da Caridade para com os desvalidos. Diga o que disser o apóstolo S. Paulo, por mim voto contra a virgindade.

Obtido o consentimento do rei, pensou Joanna em retirar-se para o mosteiro de religiosas da ordem de S. Domingos, em Aveiro, fundação de Beatriz Leitôa. A principio encontrou rezistencias, em attenção á mesquinhez do convento, indigna da sua posição — ponderavam os orgulhosos da côrte, incluindo o rei. Esperando demover o animo do pae, entrou Joanna, em 1472, aos vinte annos, para o mosteiro de Odivellas, d'onde saiu para o de Santa Clara em Coimbra, até que, por fim, vencendo a ultima rezistencia paterna, vingou enclausurar-se em Aveiro, onde em 1475, aos vinte e tres annos, recebeu o habito religioso, — com grande desgosto da familia.

Alli se empregava «com alegre prazer do seu espirito nos officios de maior humildade, como varrer os dormitorios, lavar a louça, conduzir a lenha para a cozinha e outras coisas semelhantes.» Ponha aqui os olhos, menos formozos que os de Joanna, a mulher do visconde

negreiro que do Brazil veio arejar a catinga ás Avenidas de Lisboa!

Não estavam de todo vencidas as difficuldades. A morte do rei D. Affonso V e o advento de D. João II ao poder trouxeram, após dissencções entre este rei *Perfeito* e o rei Ricardo de Inglaterra, negociações para o enlace de Joanna com o soberano inglez. Para obter o consentimento de Joanna, foi a Coimbra D. João II, chamando alli sua irman e instando com ella por que sacrificasse a virgindade ás razões do estado. Reagiu com lagrimas a apetecida mulher, e appellou para Deus, que, na qualidade de esposo preferido, a não deixou ficar mal, como ides vêr.

«Orando ella com o maior fervor, adormeceu, e lhe appareceu um anjo, o qual lhe disse — Que estivesse de bom animo, porque morrera o pretendente que a desejava por esposa. E animada ella por esta noticia, foi logo no dia seguinte dizer ao rei seu irmão — Que já

não havia que tratar sobre o desposorio com o rei de Inglaterra, que terminara proximamente a sua vida.» Ponhamos de parte o anjo e acreditemos nos sonhos!

Deixaram-n'a em paz, finalmente. Concedeu-lhe D. João II absoluto dominio sobre Aveiro, e de tal poder se serviu Joanna para compôr discordias, desterrar abusos e maus costumes e pôr em exercicio muitas obras boas. Tudo o que está vedado aos reformadores do nosso final de seculo.

Morreu em 1490, aos trinta e oito annos, depois de padecer cinco mezes, suspeita-se que d'um envenenamento,— obra de «um escandaloso libertino que ella fizera punir pelos seus abominaveis excessos.» Se é exacta a presumpção do biographo, Joanna morreu pelo Pudor, depois de lhe sacrificar a mocidade.



V

Santa Izabel

ERA hespanhola, de Aragão, esta santa rainha nossa, mulher de D. Diniz o *Lavrador*, que foi de casta e lhe deu desgostos. Filha de D. Pedro III e de D. Constança, reis de Aragão, neta de D. Jayme, o *Santo* e o *Conquistador*, e bisneta de outra Santa Izabel, rainha de Hungria, nasceu em Saragoça, em 1271. Para os interessados na evolução do culto da Rainha Santa, a ultima palavra, apoiada em averiguações, assim conscienciosas que eruditas, disse-a ha um anno o sr. doutor Antonio Garcia

Ribeiro de Vasconcellos, lente cathedra-tico da faculdade de theologia na Universidade de Coimbra. Foi no seu primoroso estudo de investigação historica, intitulado *Evolução do culto de Dona Izabel de Aragão, esposa do rei lavrador Dom Diniz de Portugal*. A leitura dos dois volumes compensará que farte as fadigas dos estudiosos que houverem de consultal-os.

Mas é outro o meu trabalho. «Desponta simplesmente as arestas mysticas do *Flos Sanctorum*, para vos mostrar apenas espiritos santificados pela caridade — a dôce irmã da justiça — antes que os santificasse a Egreja.» E' do meu prefacio.

N'estas condições, a mulher do rei *lavrador* satisfaz absolutamente as exigencias do *Espirito da Plebe* — ao qual este livro é offerecido. Parece que em sua tenra meninice a pequenita Izabel apresentava symptomas de especial agudeza de entendimento, se não é simples

hespanholada este dizer de D. Jayme, seu avô: — «Esta minha neta ha de ser a mais esclarecida mulher que tem dado e não dará o sangue real d'Aragão.» Vejam o *Jardim de Portugal*, do douto Frei Luiz dos Anjos, Lisboa, 1625.

Logo na idade de oito annos revelou extraordinario amor á caridade. Os pobres eram seus idolos. Ainda não completara os doze annos, quando veiu para Portugal, a casar com el-rei D. Diniz. Será bom dar a palavra ao mencionado doutor:

«Depois de casada, entendia em todas as cousas da sua casa, com tanto mais louvor quanto menos deixava as que pertenciam a sua alma: pelo que tinha as horas do dia e da noite repartidas de tal maneira que satisfazia a umas e a outras com muita perfeição. Dizia que não havia de comer o pão ociosa, e assim era continua em trabalhar, lavrando, com suas damas, ricos ornamentos para os mosteiros e egrejas

pobres.» *Que não havia de comer o pão ociosa!* Vêde vós que rainha!

São conhecidissimas as discordias entre o rei D. Diniz e seu filho primogénito, que veio a ser D. Affonso IV, discordias motivadas pelos ciumes de D. Affonso, em razão das preferencias que D. Diniz concedia a seu filho natural — D. Affonso Sanches. Não é menos conhecida a intervenção benefica da rainha Izabel, no sentido de conciliação. O alludido biographo frisa nos seguintes termos a acção pacifieadora da santa princeza :

«Moveram-se grandes desavenças entre seu filho D. Affonso e seu marido el-rei D. Diniz, entre el-rei de Castella e os filhos do infante D. Fernando de Lacerda : mas a pomba d'estes diluvios era a nossa Rainha, dotada com grande dom de fazer pazes aonde quer que chegasse, como se viu quando se entrepôz, sem nenhum genero de acompanhamento, entre dois exercitos postos em bata-

lha, um de seu marido, el-rei D. Diniz, outro do principe seu filho D. Affonso, e de tal modo se houve que ficaram ambos, pae e filho, muito amigos.»

Tem-se preocupado a critica em averiguações ácerca da protecção especial que a seu filho primogenito dispensava Izabel, em prejuizo da natural affeição a seu marido. O que parece estabelecido é que a santa mulher, offendida em sua dignidade e em seus sentimentos conjugaes, pelas deslealdades de seu marido, refugiava-se mui naturalmente no amor filial. Como quer que fosse, d'uma entrevista realisada em Coimbra entre os reaes esposos, pouco depois do episodio do campo da batalha, a que se refere o biographo citado, resultou uma reconciliação carinhosa, dizendo o rei a sua esposa — «que nenhuma cousa de sua consolação deixasse de fazer por amor d'elle, porque sabia quanto amava a virtude.»

Occupou-se Izabel na edificação de

obras que deram lustre a seu nome: taes, o mosteiro de Almoester, que fez concluir, o hospital dos Innocentes, em Santarem, o hospital de Coimbra, e o mosteiro de Santa Clara, da mesma cidade, onde se acha sepultada. Foi na fabrica d'esse mosteiro que teve origem a interessante lenda das rosas, que inspirou ao bom Frei Luiz dos Anjos os seguintes dizeres innocentes: — «Succe- deu que levando escondida nas abas de seu roupão uma boa copia de dinheiro para os officiaes (operarios nas obras do mosteiro) topou com el-rei, que lhe perguntou que levava. Disse-lhe: — «Rosas.» E assim foi que as moedas se converteram n'ellas, de modo que em Alemquer se fizeram as rosas a esta santa em moedas (outra lenda bonita!) e estas em Coimbra se converteram em rosas, aonde agora se chama em aquelle mosteiro a Porta da Rosa.»

Mal previa a adoravel rainha Izabel, em sua pia fraude, que seis seculos vol-

vidos as moedas do seu paiz, aviltado e perdido, se converteriam em *notas* de toda a podridão ! Mas respeitemos a santa do meu culto!

Não deve esquecer aquelle caso de calumnia desfechado por camarilha infamissima ao renome austero da esposa de D. Diniz. Accuzaram-n'a. junto a elle de manter relações criminosas com o seu encarregado de esmolos, que ella protegia como a pessoa de sentimentos em harmonia com os seus proprios. Tomou-se de ciumes o desleal marido, e, passando um dia por uns sinceiraes, em Coimbra, e vendo ali um fôrno de cal acceso, disse aos homens occupados no fabrico — que ao dia seguinte lhes enviaria um criado a perguntar-lhes da sua parte se haviam feito o que lhes elle ordenara, e que então o lançassem no fôrno, de modo que ás nove horas da manhã tudo estivesse feito. Tudo — vinha a ser o assado.

Lá mandou o esmoler da rainha, e o

bom homem, ao passar pelo mosteiro de S. Francisco, entrou, para ouvir a sua missa. Ouviu outra e outra, por modo que passaram as nove horas, e o rei, ancioso por noticias, mandou aos homens do fôrno o principal denunciante calumniador, a perguntar da sua parte «se estava tudo feito.» Pregaram com elle no fôrno, onde passou de assado a torresmo, sendo que, depois, informado o rei do engano, o attribuiu a intervenção providencial e se arrepeudou dos seus negros pensamentos. Inutil dizer que por essa época, tendo-se vulgarizado a historia, nunca mais houve criado que não ouvisse duas missas antes de fazer as compras, — e d'ahi, cheios de fé, o roubarem menos.

Por morte de D. Diniz, seu marido, deu-se Izabel, com o maior afinco, á pratica de austeridades: jejuns, abstinencias, vigílias, querendo assim suffragar pelo seu martyrio a alma do que lhe dera farto quinhão de amarguras.

Já fatigada no exercicio da dedicação — que nem só o vicio fatiga, — foi á villa de Extremoz, no intuito de impedir guerra entre seu filho reinante, D. Affonso IV, e o rei de Castella. Alli a surpreendeu a extrema hora.



VI

(a) *Santa Comba*

(DE COIMBRA)

MENCIONO ao alto da pagina a terra da naturalidade da santa, porque não é esta a unica de tal nome que Portugal produziu. Conheço mais duas, de que darei breve noticia. Ha em diversos pontos do paiz parochias e ermidas com a invocação de Santa Comba, e será bom que os fieis distingam em casos de offerendas de seu culto.

D'esta, de Coimbra, nos informa o bom Frei Luiz dos Anjos que morreu virgem e martyr. Martyres somos quasi todos,

e da classificação só escapam os verdugos. De virgindade não falemos.

Diz-nos Frei Luiz que a joven Comba não viveu em tempo dos Mouros, mas sim no dos *tyrannos gentios*, pois que ella foi crucificada, como consta de uma pintura e de uns versos que estão junto ao lugar onde padeceu, e os Mouros não costumavam crucificar mulheres, o que era pratica dos *tyrannos gentios*.

Não me satisfaz esta indicação; mas não se faz mister grande luxo de erudição para ao menos suppôr que seriam Carthaginezes ou Romanos os algozes da joven Comba. Esses dominaram entre nós, crucificavam mulheres e adoravam deuses — no plural: logo, *gentios*. Se eu pudesse vêr a pintura e os versos, não deixaria a materia a discutir entre Carthago e Roma.

Pertencia, e é isso o que nos importa — a mim e aos meus leitores especiaes — pertencia Comba ao grupo dos humildes e dos dedicados. Soffreu mar-

tyrio, porque era crente e porque era casta e caridosa para com os infelizes mal vistos pelos tyrannos.

Esteve o seu cadaver na egreja de S. João, contigua ao real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e hoje está n'este mosteiro. E' grande ainda agora, depois da obra da civilisação burgueza, a veneração que o nome de Santa Comba infunde entre avultado numero de fieis.



VII

(b) *Santa Comba*

(DE TRAZ-OS-MONTES)

D'ESTA affirmou, na sua *Descrição de Portugal*, o rev. Antonio de Vasconcellos — que era da correição de Guimarães; mas o douto Gaspar Alvares Louzada, que foi secretario da Torre do Tombo, asseverou a Frei Luiz dos Anjos, auctor do *Jardim de Portugal* — que tal Comba era de Lamas de Orelhão, de Traz-os-Montes, comarca ecclesiastica de Villa Real, no arcebispado de Braga. Por mim, não me ficam duvidas.

Existe ainda na serra de Orelhão uma ermida de Santa Comba, dentro das muralhas e ruínas da cidade dos Romanos que alli houve. Foi martyr a Comba transmontana, soffrendo supplicio ás mãos dos Mouros, em homenagem á fé e á castidade — como succedeu á de Coimbra. O poeta Antonio Ferreira, nos seus *Poemas Luçitanos*, escreveu o Martyrio d'esta santa, o que a torna vive-doirá em memoria de homens, pois que o Ferreira hade ser lido lá quando a miuçalha brava contemporanea houver desaparecido n'uma confusão indecente.



VIII

(c) *Santa Comba*

(DO ALEMTEJO)

MOSTRA-SE ainda em Tourega, perto da cidade de Evora, o logar onde soffreu martyrio um bispo com suas duas irmãs, uma das quaes era a Comba alemtejana. No seculo dezeseite ainda alli havia uma fonte *milagrosa* em doenças de gente e de gados. O padre Antonio de Vasconcellos dá conta do martyrio d'esta terceira Comba, na sua *Descripção de Portugal*, pag. 553, mas eu só tenho a registrar as boas qualidades da martyr, que a não tornam indigna

do nome que as outras honraram, crescendo a imprescindivel necessidade de cital-a, porque não a confundam com as gloriosas homonymas.



IX

Santa Iria

NATURAL de Thomar, que já não dá santos: antes, em côrtes se faz representar pelos *judeus*. Ha quem sustente que não é de Thomar, mas de Leiria, a respeitavel santa. Frei Luiz dos Anjos sustenta que é de Nabancia, modernamente Thomar; e eu não vejo razões para séria contestação.

Filha de paes nobres e de grandes meios de fortuna, Iria professou em verdes annos. Ao tempo, saíam dos mosteiros as religiosas, a ouvirem sermões

e a assistirem a festividades da Egreja. Muito formosa, captivara Iria bom numero de corações, e assim lhe aconteceu que um dia, na igreja de S. Pedro, da sua terra, um sujeito chamado Britaldo perdeu os sentidos ao vê-la e, transportado a sua casa, declarou aos paes—que morria de amor pela religiosa. Informada a meiga rapariga, pediu á prelada que lhe permittisse ir visitar o doente. Foi, obtida licença, e, á beira do leito de Britaldo, disse ao enfermo — que sabia as causas da sua doença, e aconselhou-o a que apagasse as «flamas infernaes» com jejuns e orações: como quem dissera — que tomasse juizo!

Redarguiu-lhe o apaixonado rapaz que, pois sabia a causa de seu mal sem o curar como elle pretendia — elle ou qualquer outro — o encommendasse a Deus; mas que jurava matal-a, se ella algum dia pertencesse a outro homem. Com grande resolução lhe disse ella:— «Longe estou, irmão, de te fazer a von-

tade, a ti, ou a qualquer outro homem!» E pondo-lhe a mão na cabeça, orou, pelo que — diz o biographo — «ficou melhor o mancebo, assim na alma deixando a *má tenção*, como no corpo.» E' milagre, e dos de primeira agua!

D'outra vez, succedeu que um religioso chamado Remidio foi atacado de «infernæes appetites» contra a pureza da gentilissima Iria. Era o mestre da rapariga, e sempre a encaminhara para Deus, até á primeira hora dos infernaes appetites. E como subitamente desatasse a chamal-a a um caminho novo, ella lhe bradou, com grande dôr: — «Ó bom mestre! Sempre me ensinastes obras virtuosas; agora me persuadis a fazer peccados? Até agora me guiastes para o céu, e já me quereis deitar no inferno? Até agora me prégastes pureza, e já quereis que a não tenha? Tornæe sobre vós, vêde a fraqueza em que vos tem posto a tentação! Não vades por diante, tende dôr e fazei penitencia! Trazei á

memoria os exemplos santos que me contaveis ácerca da castidade! Não percaes em uma hora as virtudes que ganhastes em tantos annos!»

Não era o frade Remidio da especie dos que se livram da *má tenção* pela resistencia do objecto amado. «Fez-se peor!» diz o Frei Luiz dos Anjos, e, convertendo-se em perseguidor odiento da formosa Iria, ministrou-lhe peçonha que lhe produziu inchação das pernas, espalhando em seguida o desalmado que a donzella estava prenhe.

Entra em scena o Britaldo, o que jurara matal-a, se ella peccasse com outro homem, e escreve-lhe uma carta ameaçadora. Forte de sua pureza, explica-lhe a religiosa—que é das pernas, e não do ventre, a inchação. Não a acreditou o desvairado rapaz e, chamando um creado de sua confiança, o encarregou de vingal-o. Esperou-a o mercenario, á hora em que ella no mosteiro se quedava em contemplação, e

degolou-a, tirando-lhe em seguida o habito e lançando-a ao rio Nabão, d'onde o cadaver passou ao Zezere e d'ahi ao Tejo, onde parou em frente a Santarem, sendo ahi sepultada.

Assim morreu martyr da sua pureza aquella de quem diz um biographo: — «Foi eapelho magnifico de almas castas, caridosas e em temor de Deus.» Dos tres auctores d'aquella morte, o difamador, o Britaldo e o carrasco, sabe-se que fizeram penitencia e foram a Roma em expiação dos seus peccados. É de crêr que se rehabilitassem, como trampoloneiros fallidos, pois que Frei Luiz dos Anjos assevera, a proposito dos tres patifes, que sempre semelhantes peregrinações foram muito agradaveis a Deus.



X

Santa Senhorinha

ERA natural de Basto, entre Douro e Minho e da illustre geração dos Souzas. N'esta minha galeria de boas almas avultam pelo numero as d'aquella região encantadora, onde a bondade do Creador se revela, sem intervenção desleal do mundo, ás creaturas simples de coração. Despersuado-me sem esforço de que eu e outros de minha feição teríamos sido, no remanso das aldeias miñotas, exemplares da virtude, a conversar com Deus. Não! as almas destina-

das á tempestade vem marcadas para as ulceras, desde o ventre materno. Não se é santo, só porque das convulsões e das podridões da terra se vive afastado: quando muito, em geral, sairá do afastamento a *misanthropy*.

Quero eu dizer que os *santos* do Minho teem para mim um especial encanto. Ha muita herva do monte misturada com o incenso que elles offereceram á Virtude. A sua caridade não se polluiu na contemplação e no applauso dos extranhos. Tudo foi simples—como hoje não poderia sel-o: hoje, que ás aguas do mais puro riacho do Minho se trasvaza o vinho aziumado que anima os cidadãos ao dever civico!

Dizia eu que á geração illustre dos Souzas pertencia Senhorinha, natural de Basto. Foi educada por sua tia, abbadessa do mosteiro de Vieira e mais tarde santa Godinha, de quem ao diante se fará menção. No gazaloso mosteiro onde se coutara a sua mocidade, orien-

tou-se-lhe o espirito no amor do seu Deus, manifestado especialmente no exercicio da caridade. Reza a sua historia de numerosissimos milagres, assim praticados por Senhorinha em vida, que realidados sobre a sua sepultura no mosteiro de Basto, para onde fizera transferir o de Vieira; mas, ao meu respeito pela humilde, que renunciou ás magnificencias sociaes, por amor dos infelizes, apraz deixar a especialistas a celebração dos feitos milagrosos e restringir o applauso e a veneração aos meritos da santa *mulher*.

Senhorinha falleceu aos cincoenta e oito annos de idade, no anno de 982, segundo os auctores de melhor conceito.



XI

Santa Godinha

É como a precedente, festejada na igreja do convento de Basto e foi prelada do mosteiro de Vieira, da ordem de S. Bento, no qual mosteiro educou sua sobrinha, que veio a ser Santa Senhorinha de Basto. De Santa Godinha resume a vida um seu biographo, dizendo «que ensinava mais com obras que com palavras.» De poucas falas na pratica do bem: nos soccorros aos necessitados e no sincero exercicio das suas praticas religiosas. Nada de ostenta-

ções! Os apologistas de certo marquez philanthropo dos nossos dias, a tanto por noticia de boa obra, não teriam que vêr com Godinha.

Os restos da virtuosa mulher foram trasladados do mosteiro de Vieira para o de Basto, por sua sobrinha e successora Senhorinha, e collocados debaixo do altar-mór da egreja, onde estão em santa paz.



XII

S. Damaso

As contestações, que avultam, sobre a nacionalidade d'este varão offerecem a palma do martyrio a quem pretender cingir-se a obra de consciencia. Aqui temos nós o doutissimo Vazeu, a apresentar-nol-o nascido em Guimarães. De igual parecer é Ambrosio de Moraes, que fundamenta a sua opinião na auctoridade da egreja bracarense, a qual celebra o alludido santo como natural da cidade visinha. Surge, porém, Antonio Bentes, affirmando que S. Damaso

era natural de Tarragona, pois que chamou a S. Lourenço *Contribulis nostri*: como quem diria — da sua tribu e nação. Ora, S. Lourenço, natural de Huesca, pertencia como tal á Tarraconense, de que fazia parte a propria Guimarães; e, portanto, mal se aguenta nas sacudidellas da investigação critica o juizo temerario de Antonio Bentes. Os dois santos eram ambos Tarraconenses: um d'elles de Huesca e outro de Guimarães. Não ha duvida substanciosa que nos prive e ao berço da monarchia do quinhão das glorias d'aquelle Pontifice.

Mas, vamos por diante, em demonstração que nos livre, a mim e aos crentes em minha palavra, da suspeita de leviandade. Aqui temos mais o veneravel Julião Peres, arcypriste de Toledo, que em sua chronica nos diz: *Priscillianus & socy Romani petunt ad Sanctum Damasum contribulem*: que o hereje Priscilliano se partiu, com alguns companheiros, a vêr em Roma S. Da-

maso, o qual era da sua terra. Ora, o Priscilliano era natural da Galliza bra-carensis: d'esta provincia, a que pertencia Guimarães, era, pois, S. Damaso. Um italiano chamado Marino Siculo escreveu que o nosso compatriota era de *Villa Ignea* (villa de fogo), designação que João de Mena deu a Madrid, porque a moderna capital da Hespanha está edificada sobre pederneiras. O italiano descobriu aquillo n'um sanctoral, mas ninguem lhe deu fé. Depois, Onufrio, o historiador da ordem de Santo Agostinho, tambem viu algures que S. Damaso era da *Villa Ignea*, e d'ahi — por se parecer (?) este nome com Egypta ou Igitania, concluiu o Onufrio que de tal terra, hoje Idanha a Velha, era natural S. Damaso. Mais tarde, porém, reformou tal juizo, e no seu «Epitome dos Papas» asseverou que o nosso Pontifice era de Guimarães. Accresce que nos livros gothicos, onde está escripta a sua historia, lê-se *Vimaranes* (Guimarães) como

terra de sua naturalidade. Ha ainda um recalcitrante — supposto Flavio Dextro — que o apresenta como natural de Mantua dos Carpentanos, ou Villamanta, perto de Madrid: — «*Liberio succedit Damasus ex-Mantua Carpentanorum, quem alij faciunt est Egitania Lusitanum alij Tarraconensem*»: — A Liberio succedeu S. Damaso, de Mantua dos Carpentanos, a quem uns fazem Lusitano da Idanha, outros Tarraconense. Esta incerteza do Dextro torna-o suspeito a Frei Luiz dos Anjos, que, no seu *Jardim de Portugal*, observa judiciosamente: — «Bem parece que este testemunho não é de Dextro, porque foi muito chegado ao tempo de S. Damaso, e, se fálasse em sua patria, havia de pôr com certeza, e não com a variedade dos que competem sobre elle.» Satisfaz argutamente, e não me deixa sombra de incerteza. Congratulo-me com os de Guimarães.

Foi o nosso heroe educado em Roma,

para onde a familia o transportou pouco depois do seu nasctmento (no anno 304). Recebeu ordens e distinguiu-se por sua virtude, fé religiosa e caridade. Um acto que vinculou o seu nome ao respeito dos homens foi a sua declaração publica de adhesão e lealdade para com o Pontifice Liberio, a quem veiu a succeder, quando esse Papa foi despojado da sua dignidade e do seu poder pelo imperador Constancio, por haver defendido a innocencia de Santo Athanasio, no anno 354. Parece que já então motivava admiração a fidelidade aos cahidos.

Por morte do Papa Liberio, foi Damaso indicado e votado para o solio pontificio. Tinha então 62 annos. Bem que no geral conceito fosse elle o mais digno de tão alto cargo, não faltaram resistencias, que attingiram o tumulto, distinguindo-se um tal Ursicino, diacomo, que, após grandes desordens, foi expulso de Roma, por ordem do imperador Vespasiano.

Para julgamento de heresiarchas do Arianismo, celebrou Damaso em Roma diversos concilios; mas o seu ardor religioso era ainda excedido pela sua caridade. «A sua caridade era universal», diz o *Anno Christão*, do padre Jean Croiset, e a sua morte, occorrida em 14 de dezembro de 384, privou a Igreja de um dos seus Pontifices mais illustres e mais benignos. S. Jeronymo tributou-lhe um elogio incondicional: chama-lhe «amante da castidade, doutor virgem da igreja virgem e homem excellente e habil nas Santas Escripturas», e Theodoreto apresenta-nol-o como «um pontifice de eminente santidade e um dos maiores papas da Igreja.»



XIII

Santo Antonio

(DE LISBOA)

A 15 d'agosto de 1195 nasceu em Lisboa, filho de Martim de Bulhões e de Thereza Maria Taveira, o illustre thaumaturgo portuguez. A vastissima bibliographia, em prosa e em verso, em numerosas linguas, tributada no decurso de sete seculos aos feitos e ás virtudes do nosso glorioso santo nacional, é n'este momento opulentada por consideravel numero de tributos novos, consagrados uns pela fé, outros por diversos motivos de mais humana inspi-

ração. O centenario de Santo Antonio, em vespuras de realisação, fez rebentar fontes de arte e de critica onde menos o esperavam os contemporaneos. Sempre o milagre, sete seculos volvidos sobre a existencia terrestre do bemaventurado! A obra de Antonio de Bulhões faz preluzir o que quer que seja de genio na propria cabeça do sr. padre F. Thomaz de Brito, quando este luzeiro da egreja da Encarnação resume nas seguintes palavras, muito mais que conceituosas, os feitos do thaumaturgo e propagandista: — «Podia-se ouvir o que elle dizia e vêr o que elle fazia.» E accrescenta, n'um grande jubilo de satisfeita justiça: — «Por isso, Deus o recompensou tanta vez com o dom do milagre, com o qual confundia os incredulos e os recalcitrantes.»

Esta biscata do reverendo aos que duvidaram e aos que recalcitraram vem no Prefacio ao curioso livro de S. Rev. — *Vida e milagres de Santo Antonio de*

Lisboa, edição de 1894, com gravuras que muito excedem o texto em afirmações de innocencia. Como derivativo ás amarguras da Plebe, não tenho duvida em recommendar essa obra pia.

Na Sé Patriarchal de Lisboa foi baptisado o nosso heroe, recebendo o nome de Fernando. Só nos Franciscanos tomou o nome de Antonio — em homenagem ao seu abbade, que era Antonio, assevera o rev. Thomaz de Brito — «e para occultar-se aos importunos parentes e amigos.» O nome de *Fernando* recebera-o elle, por affecto e gratidão da familia ao conego Fernando, mestre escola da Sé de Lisboa e «tio amorosissimo» da creança. «Para se livrar de parentes importunos» — explica o rev. Brito a resolução da creança feita homem. Deve satisfazer.

Na pia baptismal onde ao Antonio de hoje se chamou *Fernando* existe a seguinte inscripção :

HIC SACRIS LUSTRATUS AQUIS
ANTONIUS ORBEM
LUCE BEAT, PADUAM CORPORE,
MENTE POLUM

O que significa em portuguez, consoante a versão acceitavel que vem no mencionado livro :

*Aqui depôz o original labéo
Antonio Santo, de Lisboa filho,
Que deu ao mundo inextinguivel brilho,
A Padua o corpo e a bella alma ao Céu.*

Mal contava quinze annos d'idade e já o tédio do mundo se apoderava do seu espirito. Esta precocidade no desdem pelos encantos da sociedade é-me garantida pelo reverendo Jean Croiset, da Companhia de Jesus, no seu honrado e sisudo livro *Les vies des saints pour tous les jours de l'année*, consagrado a Innocencio XIII. Nem eu a acreditaría

sem um depoimento de tal auctoridade. Creio que a precocidade no soffrimento — cruezas, egoismos, maldades de familia e de mestres — pode impulsionar um joven espirito reflexivo ao caminho de um sombrio retrahimento; mas ao nosso *Fernando* corriam-lhe fagueiros os dias, entre o carinho e a consideração assim dos seus que dos extranhos. Qual fosse, pois, a origem do desvio d'aquella mocidade, mal sahida da infancia, para um viver de provações e de sacrificio, não se me afigura apurado por uma critica exigente e orientada. É certo que a convivencia com homens da Igreja, em casas de educação ecclesiastica, deforma *superficialmente* os individuos — nos seus costumes e na sua orientação. Conheci de perto, n'essa convivencia, consideravel numero de moços do meu tempo. Os que não reagiram no decurso da vida contra o *carinho* da tal educação conservaram a deformação exterior, mas não apresenta-

ram no character tendencias para o retrahimento aos prazeres da terra. Seria a falta do dom celeste a que os homens chamam santidade?

Como quer que seja, temos o joven *Fernando* a refugiar-se aos quinze annos nos Conegos Regulares de Santo Agostinho. Para logo se tornou o noviço um modelo para os mais velhos do mosteiro: modelo de correcção de costumes e de piedade religiosa. Mas, *importunado pelas visitas da familia* — e n'esta parte se tocam os extremos: o jesuita Croiset e o padre Brito da Encarnação, — pediu e obteve licença para transportar-se a Santa Cruz de Coimbra. E foi na solidão que alli creou, que, esquecendo o mundo, se consagrou ao culto do Mysteroso. A leitura dos *livros santos*, a contemplação e a penitencia aperfeiçoaram de todo — diz o jesuita — aquelle innocente coração. A breve termo foi o joven Antonio considerado um prodigio em sciencia e em virtudes. Que

não daria elle hoje em politica — sem offensa ás virtudes ?

Havia oito annos que o rapaz se consagrava áquella santa vida, quando chegaram a Coimbra cinco religiosos Franciscanos, que regressavam de Marrocos, onde, á conta da fé catholica, que haviam levado aos infieis, tinham soffrido o martyrio e milagrosamente conservado a existencia. As narrativas do caso, assim horrivel que milagroso em seu desfecho, impressionaram por tal forma o nosso heroe, que resolveu elle ir a Marrocos tentar as iras dos descritos. D'ahi o filiar-se na ordem de S. Francisco; e foi então que adoptou o nome de *Antonio*, em substituição de *Fernando*, que na pia baptismal recebera.

A pobreza evangelica — que é hoje infernal tortura para os impios, amanuenses ou professores primarios, — e que era padrão de gloria dos Franciscanos e seu memorial á Bemaventurança, concorreu, com as outras pren-

das da ordem, para ainda mais purificar a alma do nosso Antonio. Ninguem lhe tirava da cabeça a ideia de derramar seu sangue pela fé christã. Lá partiu, enfim, para Africa, mas um temporal deu com elle nas costas sicilianas; e, sabendo alli que S. Francisco d'Assis reunia áquelle tempo o capitulo geral da ordem, o moço Franciscano, assaltado pelo desejo ardente de vêr de perto o famigerado santo, foi-se a procural-o. Recebeu-o Francisco d'Assis carinhosamente, e por sua recommendação levou-o comsigo o Provincial da Romania, o padre Graciano; e no solitario convento de Monte Paulo, perdido nas montanhas d'aquelle paiz, encontrou novamente Antonio o seu isolamento bem-amado.

Era, porém, tempo de applicarem-se ao bem commum os dotes de saber de Frei Antonio. Foi em Forli que elle revelou, em reunião de Franciscanos, os seus admiraveis dotes de orador religio-

so, e por tal modo que toda a assembléa protestou contra o isolamento a que Antonio se votara. Escreveu-se a S. Francisco d'Assis, para que elle providenciasse no sentido de utilizar os talentos do nosso compatriota, e o santo patriarcha recommendou-lhe o estudo da Theologia escolastica, recommendando-lhe em seguida o ensino d'ella.

Com geral admiração e louvor, pré-gou Antonio e ensinou Theologia em Bolonha, em Montpellier, em Tolosa e em Padua. Observa o padre Croiset que, se os erros da controversia doutrinnaria reclamavam n'aquella época um theologo superior, a devassidão dos costumes pedia urgentemente um missionario. Agora vejo eu córar mais de um missionario moderno, dos que nas aldeias do Minho andam a «purificar os costumes»! Era de outra estofa o nosso bom Antonio, e desde os tempos dos Apostolos não havia memoria, até ao periodo das missões d'elle, de tão farta

colheita de almas depravadas, para o arrependimento e para a conversão. E no pulpito e na confessorio illustrou em numerosas terras da França e da Italia o seu nome e deu do seu paiz a melhor fama.

É copiosa e para assombro dos cren-tes a série dos milagres que lhe attribuiram os seus coevos e, pela tradição, lhe deram renome especialissimo até aos nossos dias. Foi em Padua que elle admoestou por tal maneira um individuo que dera na mãe um pontapé, que o alarve correu a casa e alli cortou o pé criminoso. Inteirado o nosso Antonio, procurou o sujeito, reprehendeu-o asperamente, e «novamente lhe pôz o pé no seu logar primitivo.» Para que saibam os nossos operadores!

N'esta corrente de maravilhoso, está o caso de haver sido em Lisboa accusado de homicidio o pae de Frei Antonio. Soube d'isto em Padua o filho do accusado. Immediatamente, desejou tran-

sportar-se a Lisboa e *sentiu-se aqui transportado*. Dirigiu-se aos juizes, reclamou a presença do defuncto, na sala da audiencia, e alli o intimou a que revelasse o nome do assassino. Ergueu-se o morto e declarou em altas vozes — que o pae de Antonio estava innocente. E metteu-se no caixão, ao tempo em que Antonio desaparecia, achando-se em Padua, outra vez, alguns segundos depois. Esta não é do padre Brito.

Subiu um dia ao pulpito, n'uma cidade de incredulos, á beira-mar. Debandaram os circumstantes, ás suas primeiras palavras; e então, cheio de confiança e de fé, dirigiu-se á praia o nosso prégador e, alli, apostrophando os inviveis habitantes das aguas, assim falou: — «Pois que os homens recusam ouvir a palavra de Deus, vinde vós, creaturas do Senhor! vinde confundir, pela vossa submissão, a indocilidade d'estes impios!» A estas palavras appareceram á flôr da agua cardumes de peixes. Fez-lhes

Antonio uma excellente prédica, abençoou-os e mandou-os em paz,—do que lhe resultou converter toda a cidade, e a mim proprio converteria com o sermão aos peixes, se eu houvera recusado directamente ouvil-o.

*

* *

Está um leitor convencido de que uns laivos de ironia visam a prejudicar o piedoso effeito da tradicção no espirito dos simples. Não haja duvidas, que nem a hora nem este livro admittem hesitações, e maldita n'esta hora a hypocrisia e o embuste, que deshonorariam o livro e o seu auctor! Não ha ironia, pois que o Milagre é abertamente relaxado aos afuroadores de lendas, e o santo popular dos Portuguezes reveste a sua feição humana, e tanto lhe basta para sua gloria e para gratidão do seu paiz. Não

brinquemos com as coisas santas!— é preceito das almas piedosas. Pois não brinquemos com o que ha de mais *santo* no tristissimo desterro dos homens: a dedicação, o saber, a vulgarisação do que se sabe, a caridade pelos desvalidos de fortuna e de entendimento: o amor do proximo — a primeira e mais excelsa homenagem ao Creador impenetravel e tremendo!

Exaltar o Milagre, enaltecer pela adhesão ás lendas as virtudes do eminente prégador e dedicassimo altruista, o mesmo importa que cerrar mais densas as suaves trevas dos entendimentos incompletos. Ahi tendes vós um padre que em vespervas do Centenario de Santo Antonio, publica um livro (a citada obra do rev. Thomaz de Brito) e que n'essa apologia dos feitos do thaumaturgo produz esta enormidade:— «Que uma mula intimada por Santo Antonio ajoelhou ao vel-o levando elle nas mão a sagrada hostia.» O indiscreto e imprudente le-

vita mais refere que o irracional «havia tres dias que não comia.» Caiu em giolhos ao vêr o frade; e a *adoração* era a fraqueza da fome: dirá o primeiro raciocinio, e o temerario agiologo terá produzido, deploravelmente para o santo portuguez, uma obra de irrisão!

Seria mais *vendavel* a exploração das lendas? Não hesito em crê-lo. Mas importa que ao alvorecer do Centenario nem tudo seja *Kermesse* para o negocio dos especuladores. Vincular o espirito do Povo á obra do Santo popular, pelo respeito fundamentado dos simples, — fundamentado na clara comprehensão d'aquella nobre e pura existencia: tal se me afigura o preito mais honrado. E aos fleis devotos de uma devoção que calcula quero eu lembrar um episodio da vida de um maior santo: — o da expulsão dos vendilhões, pelo azorrague do Christo.

*

* *

Foi a uma legua de Padua, n'um pequeno eremiterio de Campieri (ou Campo Sampieri) que Frei Antonio se transportou, um mez antes da sua morte, parece que já suspeito da aproximação d'ella. Tinha em mente preoccupar-se apenas no intimo convivio espiritual com o seu Deus, nos ultimos dias da passagem. Mas, ao sentir-se tocado pela suprema libertadora, pediu que o levassem para o seu convento.

Houve tempo, apenas, para o recolherem ao Hospicio dos Confessores das Religiosas de Santa Clara, onde ao anoitecer de 13 de junho de 1231 exhalou o ultimo suspiro, na idade de 36 annos.

Foi geral e enorme, em Padua, a consternação dos habitantes. Pretendiam as religiosas de Santa Clara conservar em seu poder os restos mortaes

do santo, mas os Franciscanos reclamaram, com bom exito, o cadaver de seu irmão. Os funeraes de Frei Antonio constituiram um triumpho — para o morto e para a religião. O papa Gregorio VII, que pessoalmente o conhecia e presava, procedeu á sua canonisação, por bulla de 3o de maio de 1232.

Foi em 1266 que os Paduanos, tendo concluido em memoria e honra de Santo Antonio a bazilica de sua invocação, para alli transportarem as suas reliquias. Conservam-se em quatorze relicarios, e n'um d'elles está a lingua do santo, que fôra encontrada «sã e fresca» no acto da exhumação do cadaver. Em 1570 foi enviado um osso de um dos braços de Santo Antonio ao nosso rei S. Sebastião, e na egreja de Santo Antonio, em Veneza, existe outro fragmento de um braço do nosso illustre compatriota.

A capella de Santo Antonio, na sua

basilica de Padua, é de 1500-1521, architectada por Andrea Briosco, o *Ricio*, ou o *Crispio*, e executada por Minello de Bardi. E' trabalho monumental.

*

* *

Na igreja de Santo Antonio, conhecida por *Santo Antonio da Sé*, em Lisboa, existe ainda a casa onde se suppõe haver nascido Santo Antonio. Ha n'ella esta inscripção :

*Nascitur hac parva ut tradunt Antonius sede
Quem cæli nobis abstulit alma domus.*

«N'esta pequena casa, segundo referem, nasceu Antonio, aquelle que a celestial morada nos arrebatou».

A casa, que em tempos fôra destinada, irreverentemente, a arrecadação, é uma especie de corredor subterraneo.

guarnecido de azulejos e tem uma alcova onde se afixou a inscripção. Esta casinha está por debaixo do altar-mór.

O já citado rev. Thomaz de Brito, apoiado em informações de José Ribeiro Guimarães e de Levy Maria Jordão e outros, dá os seguintes esclarecimentos curiosos sobre a egreja de Santo Antonio em Lisboa:

«O terramoto de 1755 e o incendio que se lhe seguiu arrasaram a antiga egreja; a que hoje vemos foi construida depois, e gastaram-se n'ella mais de trezentos mil cruzados. Ficou obra acanhada, diz Ribeiro Guimarães, porque o architecto, o major Matheus Vicente, não teve elevado pensamento na traça do edificio.

«O dr. Levy Maria Jordão, firmando-se em documentos authenticos, sustentou que a casa de Santo Antonio já existia antes da obra feita por D. Manuel e ordenada em testamento pelo seu antecessor D. João II. A obra de

D. Manuel foi rica, e depois mais accrescentada ainda em riqueza e preciosidades; em 1718 a 1719 começou-se a restauração do templo, sendo provedor D. José Rodrigo da Camara, conde da Ribeira Grande. Veio de Itália a pedraria, que se fez, lavrando de embutidos de varias côres, cujo debuxo excedia os mais primorosos pinceis, segundo diz a relação da receita e despeza da casa de Santo Antonio, relativa aos annos acima indicados. Com estes embutidos era ornado o tecto, e, segundo dizem, de grande formosura.

«Todos os annos se compravam muitas alfaias e paramentos preciosos para a egreja; segundo diz Carvalho, na sua *Chorographia*, andava por 36:000#000 réis o valor da prata que a casa possuia. Com o terramoto perdeu-se essa riqueza: só deante da imagem havia nove lampadas de prata.

«Os rendimentos da casa chegaram em 1740 a 9:000#000 réis e em 1747

subiram a 14:000.000 réis. O termo médio das esmolas era de 2 a 3:000.000 réis, e uma boa parte dispendia-se em missas, que eram, por anno, vinte cinco a trinta mil.

«Das antigas reliquias, parece que já não existe nenhuma. A custodia de oiro com um dedo do Santo, que a rainha D. Margarida, esposa de Philippe III, alcançára da republica de Veneza, foi furtada no tempo de D. Maria I.

«Antes da restauração de 1719 não havia collegiada, mas na *Relação* de 1739 já se encontram mencionados doze capellães de côro, mais tarde elevados a dezoito.

«A Casa dava, no dia do Santo, dois dotes de 40.000 réis cada um a donzellas pobres.

«A administração d'ella começou logo a comprar, depois do terramoto, alfaias de prata para o serviço do culto, e vendeu a que tirou do entulho; só de seis castiças de prata quebrados, e de um

frontal de oiro e prata, apurou 1:871 7000 réis.

«Em 1780 estavam em metade as obras da restauração da real casa, tudo á custa de esmolas. Vinha muito dinheiro do Ultramar, e em Lisboa, depois do terramoto, affluiram consideravelmente as esmolas, pois as recebidas na igreja e á porta pelos meninos do côro chegaram, uns annos pelos outros, a perto de 1:000 7000 réis.

«Assim se foi restaurando a pouco e pouco o templo que hoje existe no largo de Santo Antonio da Sé.

Os altares teem quadros muito notaveis, pintados por Pedro Alexandrino em 1787, e que ainda não foram reto-cados; no altar-mór está a imagem do Santo em vulto; ha tambem um altar de Santo Antonio, o primeiro do lado do Evangelho, unicamente destinado ás promessas e tendo um quadro do Santo. Na sacristia tambem existe um altar onde se diz missa, com um bello qua-

dro que representa a Sagrada Familia.

«A egreja é muito clara e tem um tom alegre que nos encanta.» (1)

As *Obras* de Santo Antonio comprehendem quatro partes distinctas: *Sermões do tempo*, *Panegyrico dos Santos* e *Concordancia moral da Biblia*, publicadas pelo rev. João de la Haye, Lyon, 1643, e os *Sermões sobre os Psalmos*, descobertos e editados pelo rev. Azzoguidi, Bolonha, 1757, e insertos na *Bibliotheca patristica*, d'Horoy, t. VI; Paris, 1880.

(1) V. o livro já citado: *Vida e milagres de Santo Antonio*, do rev. F. T. de Brito.



XIV

Santa Eufemia

É de Braga e chamou-se Eumelia, vulgarmente Eufemia, — consoante o sabio parecer de Juliano, arcypreste de Santa Justa. Foi em meados do seculo II que a virginal filha de Catilio padeceu martyrio na cidade gallega de Amphylochias, onde tambem fôra martyrisada Santa Marinha, de quem adiante falaremos.

Perseguida, em razão da sua fé christã, com a aggravante de castidade — pois que já n'aquelle seculo os tempos

eram mais propicios ás marafonas, — a joven Eufemia foi benemerita por suas virtudes e por seu bom e compassivo coração. Não rezam as chronicas da especie de supplicio soffrido pela martyr bracarense; informam-nos apenas de que os seus restos, depositados, por vontade d'ella, na igreja de Santa Marinha, foram ao depois trasladados para Orense, onde existem ainda. E' preciso não confundir a Santa Eufemia de Braga com a sua homonyma, tambem virgem e martyr, de Calcedonia (Grecia). Na igreja de Orense é a nossa compatriota celebrada em sua invenção a 15 de setembro e em sua transladação a 17 de agosto. Deu honra ao paiz.



XV

Santa Marinha

TAMBÉM é de Braga, — a devota e fiel, onde em nossos dias um caudilho republicano de fresca data foi pedir aos abbades que auxiliassem uma combinação liberal, bi-partida de patuleia mansa e de democracia oportunista, contra o governo conservador. Os abbades bracaraenses, suspeitando que eu faria este livro, quedaram-se, silenciosos, na visão retrospectiva dos casos de agidogio em que figuram triumphalmente os bracaraenses S. Geraldo, Santa Victoria, Santa

Eufemia, Santa Marinha e outros que são gloria do arcebispado. E o Tentador liberal, sem resposta que se ouvisse, veiu occultar, ás margens do Tejo, a sua confusão.

Este episodio ridentissimo da nossa historia contemporanea não é, porém, chamado ao caso de Santa Marinha, a quem o já citado arcypreste de Santa Justa ora dá o nome de Genoveva, logo o de Marinha, e depois o de Margarida. O que mais importa é não a confundir com Santa Marinha ou Margarida de Pissidia. Sabe-se que foi atormentada para que renegasse a fé christã e que até á ultima hora, em que lhe cortaram a cabeça, recusou heroicamente comprar a vida pela apostasia. Não viso n'esta allusão pessoal os nossos politicos fim de seculo, — muito resistentes, como é publico.

Diz a tradição que a cabeça de Santa Marinha, ao cair em terra, decepada, «deu tres saltos», e no sitio nasceram

tres fontes — o que deu ao local o nome de Aguas Santas. Vá, como curiosidade! Para obter logar na galeria dos nossos virtuosos, tem Santa Marinha prendas de coração que dispensam os maravilhosos saltos da cabeça e respectivas consequencias.

Em Villa Nova de Gaya tem Santa Marinha sua igreja, e em todo o norte do paiz é justamente venerada.



XVI

(a) *Santa Engracia*

HA duas Engracias, santas, virgens, martyres e naturaes de Braga. Todo o cuidado é pouco em evitar confusões, se não deprimentes, desorientadoras. Esta primeira Engracia — primeira na minha galeria de justos — era filha de Ontcomero, um rico-homem, que nos tempos de Diocleciano viveu em nosso paiz. Destinou-a o pae a casar-se com o Principe de Russilhão, e para tal fim se pôz em marcha a formosa noiva; acompanhada de dezoito fidalgos, amigos da familia. Ao atravessar Saragoça,

sabendo que alli governava Daciano, perseguidor implacavel dos christãos, foi a noiva assaltada de «ardente sêde de martyrio». Parece que os dezoito da comitiva sentiram, por igual, o esbrazeamento interior de tal sêde: o caso é que por tal modo acompanharam Engracia na ostentação de sua fé religiosa, que o feroz governador os mandou encarcerar a todos, compartilhando elles com Engracia o martyrio e a cruel morte.

Foi a virgem bracarense amarrada á columna pretoria da casa da Relação, e alli barbaramente açoutada; depois, a arrastaram dois cavallo pelas ruas de Saragoça; e, por fim lhe pregaram no alto da cabeça um grande prégo, o que pôz termo aos tormentos da martyr, tendo ella declarado antes de expirar que só sentia n'alma regozijos e contentamento. Compare-se com a grasnada dos martyres da Ideia, victimas de uma prisão correccional!

Santa Engracia, a filha de Ontcome-ro, que sacrificou á sua crença religiosa os gosos e os esplendores de alta posição e a propria vida, em cruel martyrio, está sepultada com os seus dezoito companheiros — todos elles de Braga — no mosteiro da ordem de S. Jeronymo, que o rei D. João II, de Aragão, mandou edificar em Saragoça, anno de 1459.



XVII

(b) *Santa Engracia*

D'ESTA segunda Engracia escreveu o doutissimo Frei João Marquez, na sua «Origem da Ordem de Santo Agostinho»:— «Pelo mesmo tempo da fundação de Santo André de Burgos, ou, pelo menos, em os annos de el-rei D. Fernando o Primeiro, quando succedeu o desterro de S. Domingos de Silos, estava já edificado o nosso mosteiro de Santa Engracia, da villa de Carvajales, e viviam n'elle os Padres Eremitas do nosso Santo Agostinho, quando a gloriosa virgem Santa Engracia, portugueza

de nação e não menos gloria de sua terra que de Saragoça (é a santa do capitulo precedente), consagrou com o seu sangue aquelles districtos, etc.»

Tinha já, pois, esta Santa Engracia, segunda n'este livro, o seu mosteiro na villa de Carvajales, quando a outra soffreu martyrio e morte em Saragoça. No seu *Jardim de Portugal*, já por vezes citado, diz-nos Frei Luiz dos Anjos — que a Santa Engracia do mosteiro de Carvajales é do territorio bracarense, muito embora alguns a façam de Badajoz. Certo é que a casaram contra sua vontade e contrariando-lhe os votos de castidade perpetua, em homenagem ao seu Deus. Fugiu ao marido, no dia do casamento, e perseguiu-a o abandonado homem, até que encontrando-a nos montes de Carvajales, onde ella orava, depois de crueis tractos, lhe cortou a cabeça. Victima da castidade e do retrahimento da sociedade e das suas delicias.

Nos archivos ecclesiasticos de Braga, n'um livro que chamam *Da Primazia* (diz Frei Luiz dos Anjos) existe uma explicita referencia a Santa Engracia que fugiu da sua patria nas condições e com o tragico destino que teve epilogo nos montes de Carvajales. Não póde haver confusão ácerca das duas santas.

1912



XVIII

Santa Thereza

(DE OUREM)

ESTA *Sancta Tareja*, de que se ufana a villa de Ourem, é natural do Zambujal, a breve distancia d'aquella villa. Floresceu em virtudes no seculo XIII, avultando entre ellas a caridade. Era a boa Thereza ama de um prior de Ourem, e na sua «Descripção de Portugal» refere o padre Antonio de Vasconcellos as luctas de cada dia entre a caridade da ama e a avareza do padre. Conta-nos o caso de haver Thereza beneficiado um pobre com um fato velho do prior. En-

fureceu-se o levita e exigiu a restituição do fato. Não houve remedio senão condescender com a vontade imperiosa do sovina; mas a serva de Deus e do padre pediu ao primeiro e maior senhor que illuminasse o espirito entenebrecido do segundo. E succedeu então que no corpo do pobre appareceu um fato exactamente igual ao que fôra objecto da discordia e das reclamações do prior. Obra de um anjo!— diz o rev. Vasconcellos. Como quer que fôsse, assim o acreditou o padre maravilhado e arrependido, vindo a reconhecer a singular virtude da ama que tinha ao seu serviço. Nota, a proposito, o rev. Vasconcellos. — que o fato enviado por Deus era tão velho como o do prior, significando isto que Deus folga em que se dê aos pobres os vestidos velhos. Ha muita moral n'este innocente folguedo.

Outra. Aconteceu que, levando The-reza n'uma cesta uns pedaços de pão para os pobres, topou com o amo, que

lhe perguntou que levava. Respondeu ella: — «Rosas». E effectivamente os pedaços de pão se transformaram em rosas. O milagre veio a reproduzir-se no seculo XIV, em vida de Santa Izabel: diga-se para gloria de Theresza e para louvor de quem deu prioridade, sobre a rainha, á humilde ama do padre de Ourem.

Ha ainda outros casos para assombro. Uma noite deixou-se ficar Theresza em «altissima contemplação» e não se lembrou de que o pão amassado tinha de entrar no forno. Na igreja se esqueceu, toda a noite, da sua obrigação, e de manhã pediu a Deus que lhe valesse. Pediu bem. Quando chegou a casa, tinha o pão cosido pelos anjos.

Commentario do biographo: — «Em que o nosso Senhor quiz ensinar que não estorvemos aos que estão em oração, para que façam coisa de menos importancia: porque, quando a fizerem será bem feita, e quando a não pude-

rem fazer, os anjos serão em sua ajuda, para que seja feita como é de rasão.»

Estas notas de um mysticismo, algo ridente, que deixa a perder de vista o fatalismo oriental, não prejudicam a reputação virtuosa e *humana* da caridosa mulher. N'um altar da igreja de Ourem está a sua imagem, muito venerada, com uma fechadura na mão. E' ainda um caso de bondade d'aquelle santo coração da mulher simples. Uma noite os ladrões tentaram arrombar-lhe a porta e as mãos lhes ficaram presas á fechadura, até que Thereza pediu a Deus que os soltasse. A lenda é formosa, significando a caridade até á compaixão pelos inimigos.



XIX

Santa Matrona

VIVEU e morreu em Capua, onde fruiu delicias funestas o grande Carthaginez Annibal. Ha alli reliquias da nossa compatriota, e o auctor do «Cathalogo dos Santos da Italia», sustentando que ella era portugueza, dá-nos a seguinte noticia :—«Foi Matrona filha de um rei da Luzitania, e aos doze annos padeceu de muitas enfermidades, e, fazendo voto de virgindade a Nosso Senhor, se lhe dêsse saude, appareceu-lhe um anjo que lhe disse que fosse a Italia, onde duas vac-

cas novas lhe mostrariam as reliquias do glorioso S. Prisco, por cujos merecimentos sararia em Capua. Partiu, acompanhada de doze donzellas, e, chegando perto de Capua, saíram duas vaccas de um rebanho, as quaes a guiaram até ás reliquias do glorioso S. Prisco; alli fez oração, e, tomando este santo por intercessor, alcançou a saude promettida.»

Seguiu-se a fundação de um mosteiro, a expensas de Matrona, sendo ella a prioreza, e formando as suas doze companheiras o nucleo da communitade. O papa Gelasio, o que foi ao depois o santo de seu nome, chamou á sua protecção o mosteiro da joven Matrona, dispensando-lhe muitas indulgencias.

Foi virtuosa e derramou em torno de si os beneficios da sua viva caridade. Perto de Barcelona, no lugar de Montjui (monte de Jupiter) se suppõe existirem os seus restos, ou boa parte d'elles, pois que de Italia foi o seu cadaver trasladado áquelle ponto de Hespanha.

Não nos dão os biographos indicação sobre os pormenores da sua morte, e Frei Luiz dos Anjos, que lhe chama Virgem e Martyr, diz-nos apenas que «depois de haver resplandecido em toda a casta de virtudes, deu a alma ao Nosso Senhor.» Mais nos diz que uns a teem por Africana, outros por Luzitana, outros por Barceloneza; e accrescenta: — «que para maior gloria de Deus Nosso Senhor», insinuando que, como em Babel, é accrescimo de tal gloria a confusão das gentes. Elle lá o entende — o frei Luiz.



XX

Santa Vicencia

DESTA serva do Senhor nada me consta que não seja resumido nas seguintes informações de Flavio Dextro, que eu lhes apresento traduzidas de seu latim:— «Em Coria, cidade de Hespanha, é affligida com tormentos pelos herejes Arianos uma donzella catholica Lusitana, chamada Vicencia, porque, sendo baptisada catholicamente, não quiz receber o baptismo dos herejes: pelo que padeceu e emfim subiu aos céus, virgem e martyr, aos 15 de março do anno 424.»

Nada mais sei; mas o sacrificio da virgem á sua fé religiosa dá-lhe entrada n'este livro,—depois da entrada nos céus.



XXI

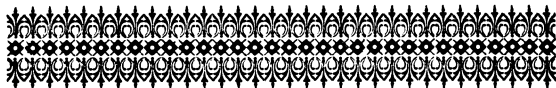
Santa Felicissima

É de Alcacer do Sal, ex-Salaria e ex-Imperatória. Floresceu na segunda metade do seculo III. A narração do seu martyrio consta do «Catalogo dos Santos de Italia», sendo para esse paiz que foi trasladado o seu corpo. Não lhe alvoreceu o entendimento em luz christã: antes era duas vezes cega,—dos olhos e dos principios religiosos. Converteu-a S. Cratiliano, depois de lhe haver restituído a vista, pelo que o conde Trasos, que em nome do Cesar romano go-

vernava a cidade de Salaria, hoje a modesta Alcacer, e perseguia ferozmente os christãos, mandou prender n'um carcere o santo e a convertida, pondo-os a tormentos, para que renegassem a fé. E encontrando tanta firmeza de crença na donzella como no seu companheiro, os fez degolar, fóra da cidade, aos 12 de agosto de 269.

Tiveram os paes de Gratiliano grande desgosto, pela sorte do filho, e em sonhos lhes appareceu Felicissima, a consolal-os e a robustecel-os na fé christã, annunciando-lhes para d'ahi a dias a morte do conde Traso, perseguidor dos fieis, facto que não deixou de succeder, e acabando os seus dias os paes de Gratiliano na pratica de boas obras.

Dizem-me que em Alcacer do Sal são ainda hoje muito venerados Santa Felicissima e S. Gratiliano — seu guia no caminho do martyrio.



XXII

Santa Quiteria

VIRGEM, martyr, natural de Braga e advogada—sabem-n’o os nossos lavradores—contra as mordeduras dos cães damnados. Escreveu largamente Marieta a historia de Santo Quiteria, e ahi diz que a nossa heroína se consagrou á vida solitaria nas immediações da terra onde nascera. Uma perseguição feroz, decretada contra os christãos, na Galliza Bracarense, determinou a fuga de Quiteria e de muitas outras donzellas, de Braga para Toledo. Ahi pre-

tenderam desposal-a varios filhos da cidade hespanhola ; mas a nossa Quiteria pediu a Deus que a amparasse contra as tentações dos homens e a conservasse virgem, para seu gosto d'elle. Diz a chronica que, em uma revelação divina, lhe foi promettido, a Quiteria, mais do que ella pedia: que, além de virgem, seria martyr. E accrescenta o chronista: — «Com o que se alegrou muito.» Parece que ao fugir, de Braga, ao martyrio, não se lhe deparava no «caso» assumpto para similhante jubilo.

Mas, emfim, logo que ás mãos barbaras de um tyranno gentio perdeu a liberdade, a sua alma confortou-se, e Quiteria offereceu-se ao martyrio, fazendo santa gala nas suas crenças religiosas. Foi notabilissima a coragem da juvenil creatura, em meio dos tormentos que lhe applicaram. Pretendeu converter o algoz, publicamente, prégando-lhe a lettra do Evangelho, e convidan-

do-o á conversão. Cortaram-lhe, afinal, a cabeça, e diz Marieta — que, á similhaça de S. Dyonisio, Quiteria pegou na cabeça com as proprias mãos e assim foi até ao logar da sepultura. Não se faz mister o milagre, para que devamos consideral-a santa.

Foi o arcebispo de Toledo, Santo Honorato, successor de Santo Eugenio, quem á egreja de S. Pedro, no logar de Margaliza, onde ella foi suppliciada, fez trasladar os ossos de Quiteria, no anno 130. É conveniente accentuar que em Montemór-o-Novo existe um outeiro chamado de Santa Quiteria, e alli se mostra uma grande pedra, á qual, se diz, foi a santa amarrada quando a lançaram a um poço, onde morreu. Deve ser outra santa, da qual nem o proprio Fr. Luiz dos Anjos deu fé, nem por conseguinte dá noticia no seu abundante *Jardim de Portugal*.



XXIII

Varias Santas

ABRANGE este capitulo um punhado de flôres, colhido no *Jardim de Portugal* do meu bom auxiliar Frei Luiz dos Anjos. Vão, juntas, ao respeito dos homens, como é da fé christan que juntas estejam gozando a Bemaventurança. Fé christan e Fé burgueza de «fim de seculo»,—que já Maximiliano Robespierre, insuspeito para a Burguezia — como um dos patriarchas da Revolução que ha um seculo a tornou dominadora, e insuspeito para a Democracia — como au-

ctor dos Direitos do Homem, — no seu Relatório em nome do *Comité* de Salvação Publica, apresentado á Convenção Franceza, em sessão de 18 floreal, anno II, formulara estes dizeres *previdentes*, que a sociedade *parvenue* esqueceu miseravelmente durante o seu bródio secular:

«Que pretendiam esses homens que, em meio das conspirações que nos cercavam, em meio das difficuldades de uma tal guerra, no momento em que ainda fumegavam os fachos da discórdia civil, atacavam subitamente os cultos, pela violencia, para se arvorarem elles proprios em apóstolos fogosos do Nada e em fanaticos missionarios do altruismo? Era acaso o desejo de apressar a victoria da Razão? Mas a verdade é que não cessavam de ultrajal-a, por absurdas violencias e por uma combinação de extravagancias que a tornavam odiosa; parecia que apenas se tratava de a encerrar nos templos — para o fim de

banil-a da Republica . . . Responde, tu qua te apaixonas por essa arida doutrina e que nunca te apaixonaste pela patria : — quem te encarregou de annunciar ao povo que não existe a divindade? Que vantagens encontras em persuadir o homem de que só uma força absolutamente cega preside aos seus destinos, ferindo ao acaso o crime e a virtude, e que a nossa alma é apenas um ligeiro sôpro, que se extingue á entrada da sepultura? . . . »

Tal dizia «o Incorruptivel.» E Roselles de Lorgues, no seu livro *Le Christ devant le siècle*, commenta assim as palavras de Robespierre:

«Elle era, sem duvida, um homem de sangue e não um homem piedoso ; mas sentia profundamente que a crença em Deus é o unico freio que contém as paixões e a violencia da sua lucta, e invocava essa derradeira salvação.»

Sempre o freio, e Deus ao serviço da Ordem! Sim, Robespierre comprehen-

deu, Robespierre sentiu — o que os *parvenus* exploradores da sua obra levaram um seculo a comprehender e a sentir. N'este ponto de escabrosidades, de novo peço aos meus leitores especiaes que confrontem os dizeres da Egreja com os de um seculo de dominação burgueza, em plena victoria da Liberdade — com tinturas de Democracia pura. Diz a Egreja que — é certa a Outra Vida, com distribuição de castigos e de recompensas. O Espirito Burguez, lido nos seus auctores, contesta os «embustes clericas» e entende que tudo se regula n'este mundo.

Á sua entrada na alliança solicitada, o Papa Leão XIII reconheceu a urgencia do *freio* preconisado pelo Convencional. E' quando na sua carta-encyclica aos Bispos catholicos, sobre a Questão social, assim diz o Pontifice:

« . . . *O sentimento das proprias forças, mais vivo nos operarios, e a sua união mais intima*, e, concorrendo com tudo isto, a depravação dos costumes, fez

romper o conflicto, e tal e de tanto alcance que traz suspensos os animos n'uma espectação temeroza . . .

«E' por isso que, pondo Nós os olhos *no bem da Igreja e na Salvação da Sociedade*, vos dirigimos nossas Lettras, etc.»

. . . *O bem da igreja e a salvação da Sociedade!* Escute o ardente espirito dos Opprimidos! A toda a victima das monstruosidades sociaes que ainda não renegou os direitos e os fóros do Pensamento cumpre n'este momento historico, pronunciar-se, senão por sua auctoridade, ao menos por sua consciencia. — Sim! o Espirito da Plebe terá de aceitar como legitima a propaganda dos seus Senhores durante um seculo de Liberdade: e que tudo se regule n'este mundo!

E que o punhado de flores colhido no Jardim do bom frade não haja de servir — nem as outras sirvam — de penhor na alliança da ultima hora solicitada

pelo Espirito burguez e accéite pelo Espirito de Roma!

*
* * *

SANTA CELERINA. — Martyr, natural de Sines, arcebispado d'Evora. Enviuando de Lucio Veronio, que fôra tribuno militar na Galliza, ao serviço dos Romanos, consagrou a vida e a immensa fortuna ao serviço dos pobres e da fé christã. Diz a chronica que a santa mulher recebeu em Sines o cadaver de S. Torpes, martyr dos Romanos e lhe fez dar pomposa sepultura, o que lhe valeu soffrer martyrio. A este desfecho chama Flavio Dextro — premio das virtudes de Celerina.

*
* * *

SANTA SUZANNA. — Natural de Braga. Era irmã do glorioso S. Cucufate, e, com

elle e com S. Victor e S. Silvestre, foi victima da perseguição de Nero. O governador Sergio Galba interrogou-a, suspeito, sobre a sua fé religiosa, e Suzanna tirou-lhe as duvidas — declarando-se christã. Foi degolada, com os outros tres companheiros que já citei, e em 1102 foram as reliquias dos quatro mais as de S. Fructuoso, trasladadas de Braga para S. Thiago de Compostella, pelo bispo D. Diogo Gelmires.

Não foram completas para Galliza as reliquias da virtuosa Suzanna, pois que o arcebispo de Braga, D. Agostinho de Jesus, opulentou com algumas a igreja de S. Victor e o collegio de Nossa Senhora do Populo.

*

* *

SANTA LIVRADA. — Chamaram-lhe tambem Vuilge Forte, a esta virgem e martyr portuense. D'ella escreveu Flavio

Dextro — «que na Luzitania, em a cidade do Porto, floresceu Vuilge Forte, que morreu por guardar a Fé e a Pureza.» E D. Francisco de Padilha, na sua *Historia Ecclesiastica de Hespanha*, dando-lhe o nome de Livrada, assim se pronuncia: — «Convertetu Livrada muitos gentios á fé christã, ensinando-os com a vida e as palavras, e ao depois se retirou a fazer vida solitaria. E como a tivessem todos por mulher muito santa e de grande doutrina, iam muitos christãos e gentios a ella, para serem ensinados e consolados, que é a causa porque lhe damos o titulo de Doutora.» Satisfaz — a ingenuidade do Padilha: Doutora porque ensinava e consolava. Ponham aqui os olhos os nossos doutores que desorientam e que irritam!

Na sua *Historia dos Santos de Hespanha*, diz Marieta — que a nossa illustre Livrada se foi para o êrmo, com muitos outros Catholicos e que os gentios perseguidores alli mataram todos

os companheiros da nossa heroína, — sobrevivendo esta e ficando «mil vezes mais forte», d'onde o chamarem-lhe Vuilge Forte alguns historiadores.

Padeceu o martyrio final no anno de 138. Foi na cidade do Porto que a crucificaram, degolando-a, por fim, os verdugos. É muito celebrada em diversos livros de apreço.

*

* *

SANTA BASILISSA.—Virgem e martyr bra-careense. Longe foi soffrer pela fé christã: á Assyria. Juliano, arcypreste de Santa Justa, e D. Prudencio de Sandoval, bispo de Tuy, abonam os altos creditos de virtude da nossa compatriota.

*

* *

SANTA VICTORIA.—Tambem da fecunda Braga e tambem virgem e martyr por

sua fé. Adon e o bispo Aquilino informam-nos de que soffreu tormentos e morte na cidade de Cordova, em companhia de S. Zoilo. Á beira da sepultura de Victoria nasciam rosas no dia anniversario da sua morte, em 8 de novembro. Bonita lenda!

*

* *

SANTA MARCIANA.— De Braga, virgem e martyr. Foi-se a Toledo, a soffrer martyrio, no anno 130, com a santa precedente, sua irmã. Flavio Dextro diz maravilhas d'esta filha de Lucio Catilio, em pontos de virtude, de caridade e de fé. Vem a proposito citar os nomes das nove filhas, virgens, de Catilio, cidadão de Braga, que n'este livro ficarão mencionadas: são ellas, — Marciana, Victoria, Basilissa, Marinha, Germana, Eufemia, Genebra, Quiteria e Livrada. É de notar que o pae figurou sempre entre

os perseguidores das adoraveis filhas. Que lhes faria hoje, ao fim do seculo pratico, um Catilio menos feroz e mais instruido? Ora! Que faria elle senão vendel-as?!

*
* *

SANTA GERMANA.—Irmã das quatro precedentes. Informa o arcypreste de Santa Justa que esta virgem padeceu em Carthago o final martyrio, tendo-se distinguido em virtudes e firmeza de sua fé.

*
* *

SANTA GENEBRA.—É uma das nove filhas de Catilio. Tendo fugido da sociedade para o êrmo, com as irmãs, alli as perseguiu o pae com os soldados romanos, e perguntando-lhes, iracundo, quem eram, Genebra (ou Genoveva) lhe respondeu: — «Nossa nobreza é de filhas

tuas; a profissão de servas de Christo, senhor nosso.» Foi presa com as suas companheiras, e mais tarde soffreu martyrio e morte na cidade de Tuy.

*
* *

SANTA REVOCADA. — Natural de Vianna do Castello. Conheço apenas d'esta virgem minhota o que nos diz Flavio Dextro: que, em Vianna de Galliza—hoje Vianna do Castello,—padeceram martyrio S. Theophilo, S. Saturnino e a bemaventurada Santa Revocada, virgem. O tyranno era Julio Minencio e a perseguição foi a setima de Decio, pelo anno de 253.

*
* *

SANTA MAXIMA. — Irmã de Santa Julia e de S. Verissimo; naturaes de Lisboa os tres irmãos. Os destinos das duas ir-

mãs acham-se por tal modo vinculados, assim em virtudes como no martyrio, que não ha separal-os na referencia a que teem direito n'este livro. Maxima e Julia acompanhavam seu irmão em romarias na Italia; e em Roma, diz a tradição, lhes appareceu um anjo que as intimou a regressarem á patria, onde as aguardava o martyrio. Vieram as santas raparigas e, em Lisboa, apoz muitos exemplos de virtude e caridade, caíram nas crueis mãos do tyranno Tarquino, que as pôz a tractos horriveis, afim de que renegassem a fé.

Resistiram heroicamente, e ao termo de supplicios horrorosos mandou o tyranno que as arrastassem pelas ruas, as apedrejassem e as degolassem depois; e, porque os christãos tentassem recolher os despojos das duas martyres, determinou-se que os cadaveres fossem lançados á corrente do Tejo. Deram os despojos á praia, — que as aguas não quizeram arrebatá-las; e então, os ty-

rsnnos, assombrados, permittiram aos fieis christãos que recolhessem e sepultassem as reliquias das duas servas de Deus.

No tempo de D. João II e por ordem d'este rei, foram os restos de Santa Maxima e de Santa Julia trasladados para Santos-o-Novo. As duas santas lisboenses gosam de altissima importancia entre os historiadores e os chronists.

*

* *

SANTA JULIA. — V. as linhas precedentes.

*

* *

SANTA PELAGIA.—É de Bragança. D'ella, bem como das suas companheiras Santa Achileya e Santa Theodosia, sei apenas que foram virgens, martyres e pertencentes a Bragança. É o meu douto

Frei Luiz dos Anjos quem tal apura das divergencias entre Flavio Dextro e o Martyrologio Romano. Foram mulheres de fé, virtuosas, amigas dos humildes e de Deus — a quem sacrificaram mocidade e vida.

*
* *

SANTA ACHILEYA. — V. as linhas precedentes.

*
* *

SANTA THEODOSIA. — Idem, idem.



XXIV

S. Francisco Xavier

Não se vincúla a gloria do patriarcha das Indias á gloria do Portugal, porque o contemos entre os nossos compatriotas. Natural de Navarra e de sangue real d'aquelle antigo paiz, Francisco Xavier nasceu aos 7 de abril de 1506 no castello de Xavier, junto aos Pirenéos. Temos, porém, de consideral-o santo adoptivo de Portugal, pelo que consta da sua biographia, e o seu altissimo valor não nos dispensa de reclamal-o em circumstancias de adopção.

Seu pae, João Jaso, era de alta posição na côrte, e sua mãe, Maria Alpizenetta Xavier, uma das mais illustres senhoras do seu tempo, em prendas de character e de entendimento. Quanto aos dotes do nosso heroe, tenha a palavra o rev. Croiset, que no seu *Anno Christão* assim nos elucida eloquentemente:

«O Senhor, que o escolheu para resuscitar n'aquelles tempos todas as maravilhas dos primeiros apostolos, dotou-o com todas as qualidades naturaes exigidas pelas funcções do apostolado: grande rebustez corporal, compleição viva e ardente, um alto espirito capaz das maiores emprezas, coração intrepido, summa affabilidade de tracto, um genio alegre e condescendente, que não excluia a profunda repugnancia por tudo que contrariasse a Pureza. Com taes dotes, um grande amor pelo estudo.»

Logo que a idade lhe permittiu escolher carreira, pronunciou-se pelo culto das letras;— seus irmãos optaram pelas

armas. Foi enviado a fazer em Paris os seus estudos universitarios, e alli encontrou Santo Ignacio, que estabeleceu com Francisco Xavier grande amizade e currou de aproveitar os talentos do seu novo amigo em serviço dos seus projectos religiosos. Desviou-o dos Lutheranos, que pretendiam apoderar-se de tão valiosos elementos, quaes os de talento e de prestigio de Xavier; acudiu-lhe em difficuldades da vida; vingou emfim Santo Ignacio de Loyola arrancar-o ás distracções da sociedade para os especiaes gozos da concentração espirital. Em 1534 contava o fundador da Companhia de Jesus um novo adepto, para lustre e valor d'ella, — antes da corrupção.

Partiu para Italia o novo Jesuita, com alguns companheiros desejosos, como elle, de vizitarem a Terra Santa, e em Veneza, onde se demoraram, entregaram-se disveladamente á pratica de todas as obras de misericordia. No hospital dos Incuraveis, assignalou S. Fran-

cisco Xavir a sua extraordinaria caridade, entregando-se com um zelo nunca visto ao allivio e consolação d'aquelles desgraçados.

Aconteceu com Francisco Xavier o que se dera outrora com o Thaumaturgo portuguez: frustrou-se-lhe a viagem e em Italia se demorou por largo tempo, indo ao principio receber as ordens sacras e rezando em Vicenza a sua primeira missa. Em 1540, tendo sido a Companhia de Jesus approvada pelo Pontifice Paulo III e erigida em ordem religiosa, foi o nosso jesuita chamado a Roma, onde prérgou na egreja de S. Lourenço com uma tão alta e sentida eloquencia que para logo em toda a Italia o consideraram o apostolo d'aquelles paizes. N'este ponto entra em scena Portugal.

*

*

*

Informado D. João III, o nosso rei

Piedoso, dos bons fructos que á Fé advi-
nham dos serviços da nova ordem reli-
giosa, pediu ao Papa que lhe obtivesse
alguns dos varões apostolicos que a
compunham, para o fim de os enviar á
India. Ordenou o Papa a Santo Ignacio
que escolhesse dois dos seus compa-
nheiros, e o fundador da Ordem indicou
os padres Simão Rodrigues, portuguez,
e o hespanhol Bobadilla. Adoeceu gra-
vemente este ultimo e, para substituil-o,
foi nomeado Xavier. Diz o rev. Croiset
— que foi por indicação do Senhor a
Santo Ignacio, e que este assim o com-
municou ao futuro patriarcha das In-
dias. Sempre o milagre!

Foi a 5 de março de 1540 que Fran-
cisco Xavier partiu de Roma, obtida
benção papal, do Pontifice, em direcção
a Lisboa, onde tinha de embarcar para
as terras que haviam de ser o theatro
da sua gloria. Ao chegar a Lisboa hos-
pedou-se no hospital, — isto está escri-
pto e confirmado. Chamou-o D. João III

ao paço, onde o recebeu com a maior veneração, pretendendo agasalhal-o como hospede extraordinario, ao que o santo oppôz recusa, insistindo em dormir no hospital e em sustentar-se de esmolas. Da sua permanencia em Lisboa fez elle um ensaio da sua vida futura, pré-gando com tal exito que os costumes da nobreza e do povo se resentiram profundamente, no melhor sentido. Quizeram demoral-o na capital do reino, mas o apostolo pensava nas suas Indias, onde o esperavam os maximos desvalidos — do entendimento e da fortuna.

Fêz-se de vela, de Lisboa para a India o navio que conduziu Xavier, em 1 de abril de 1540. No acto do embarque lhe entregou o rei quatro breves do Papa, nomeando-o nuncio apostolico, concedendo-lhe amplissimos poderes para o desenvolvimento e conservação da Fé em todo o Oriente e recommendando-o a diversos governadores. Iam a bordo do navio uns novecentos individuos de

crenças duvidosas: todos elles foram esclarecidos pelo apóstolo, nos preliminares da sua grande obra, que outra coisa não foi a viagem toda.

As differentes temperaturas excessivas de Cabo Verde e da Guiné e a corrupção das aguas e das vitualhas no Equador produziram a bordo enfermidades graves, desenvolvendo então Xavier todos os immensos recursos da sua caridade e do seu zelo como enfermeiro e consolador. E doente, elle mesmo, dormia no convez, para não privar de um logar mais commodo algum dos seus companheiros.

Em Moçambique foram os enfermos desembarcados, em numero de oitocentos, e conduzidos ao hospital, onde Xavier se instalou e por largo tempo se demorou, repartindo com elles cuidados e consolações. D'alli se foi a Melinda, onde tomou á sua conta converter grande numero de mahometanos: e conseguiu-o. Finalmente, aportou a Gôa, trezes me-

zes volvidos sobre a sua partida da nossa capital.

E' de importancia registrar uma prophacia relativa ao nosso Xavier e feita em 1497 por um religioso trinitario, Pedro da Covilhan, martyrisado pelos Indios e que assim disse pouco antes de expirar, — quarenta e tres annos antes do nascimento da Companhia de Jesus: — «Nascerá, dentro de alguns annos, na Igreja de Deus, uma nova Ordem religiosa que tomará a invocação de Jesus; e um dos seus primeiros padres, conduzido pelo Espirito Santo, penetrará até ás mais longiquas regiões das Indias Orientaes, que serão abrazadas de fé orthodoxa por esse prégador evangelico.» Ha outras prophacias — sobre a Companhia de Jesus; mas ficam de reserva, em homenagem ao nosso apostolo.

Outra vez, logo que desembarcou, foi Xavier alojar-se no hospital, apesar dos rogos e da resistencia do vice-rei. E,

antes de dar principio aos seus trabalhos da missão, procurou o bispo de Gôa, que era ao tempo D. João d'Albuquerque, e, apresentando-lhe os breves do Papa, lhe declarou, sempre humilde, que não pretendia servir-se d'elles sem o beneplacito do prelado. E, captivado o bispo por tanta humildade, disse-lhe: — «Um legado apostolico, enviado directamente pelo vigario de Jesus Christo, não carece de outra auctoridade. Pode Vossa Paternidade usar livremente dos poderes que a Santa Sé lhe faculta; e onde o poder episcopal se tornar indispensavel para mantel-os, conte que o tem ao seu dispôr.»

*

* *

É certo que os descobridores das Indias Orientaes haviam feito renascer em algumas paragens o Christianismo ; mas

de tal religião não existiam vestígios entre o povo, á data em que Francisco Xavier aportou a Gôa. A idolatria e o mahometanismo dominavam como fé, e os costumes achavam-se tão depravados que nem os de uma sociedade civilisada — em certo fim de seculo. Não perdeu tempo o apóstolo em Gôa: principiou a sua obra de redempção. A sua prédica ardente produziu maravilhas, no que toca á reforma dos costumes e na conversão ao christianismo. Viu-se, com assombro, libertinos velhos e novos quebrarem relações escandalosas, ladrões de fortunas restituirem os cabedaes roubados, usurarios infames — avós de outros que por ahi temos recommendados em gazetas — abandonarem a pórca vida; annullaram-se contractos illicitos; mulheres adúlteras chegaram-se ao bom caminho; jogadores e bebados considerados incorrigiveis tornarem-se modelos para cidadãos dignos: foi a revolução do Bem. O prelado de Gôa

chamava milagre a tudo aquillo. Assim o entende e louva a minha fé.

Após a entrada de Gôa no caminho decente e honesto, constando a Francisco Xavier que na costa da Pescaria existia um grande numero de pescadores chamados *páravas*, que de christãos só tinham o baptismo e que viviam n'uma promiscuidade em harmonia com a sua falta de crenças, foi-se em procura dos perdidos, e, ao entrar no logarejo, soube que uma pobre mulher gemia, havia tres dias, com as dôres violentissimas do parto, sem poder parir. Chegou o apostolo, confessou a pobreza, baptisou-a, e ella pariu immediatamente. Grande espanto em familia e no logarejo, e converteu-se tudo aos bons principios moraes e religiosos. Sobre saltados, os brahmanes reuniram-se em consideravel numero, para o fim de deliberar sobre as invasões dos principios do Christianismo. Francisco Xavier apresentou-se em frente d'elles, re-

futou os seus erros e converteu á fé grande parte dos Indios. Diz o apóstolo que lhe bastava o *Padre Nosso* e a *Ave Maria* para a obra de conversão. Maravilhoso! É crível, porém, que a modestia de Xavier invada, em tal declaração, o terreno da excessiva humildade, e que, afora as prendas das duas orações, concorressem para edificação dos ímpios o dom da caridade e outras virtudes do singular missionario.

Os brahmanes fanaticos, ou por outros motivos, inconvertiveis, notando, escandalizados, o descrédito crescente e a diminuição dos rendimentos dos pagodes, — o que tem acontecido em mais santas religiões, — resolveram desfazer-se do apóstolo. Uma vez entraram, armados, em consideravel numero, no reino de Travacor, resolvidos a levar tudo a fogo e sangue. Xavier, informado do perigo, apresentou-se, de crucifixo em punho, ao alcance das fréchas dos inimigos, e bradou áquellas gentes es-

tupefactas: — «Prohibo-vos, em nome de Deus vivo, que avanceis mais um passo, e em nome d'elle vos ordeno que retrocedaè!» O mesmo foi ouvirem-n'o e fugirem aterrados os banaboias Que falta nos faz um Xavier assim, em periodo de expedições ruinosas... e ridiculas!

*

* *

Generalisara-se a reputação do apostolo em todas as regiões das Indias. De reino em reino, d'ilha em ilha, foi Xavier difundindo a Fé, civilisando pela palavra e pelos exemplos de caridade e de humildade. Em Meliapor, onde se acha sepultado o glorioso S. Thomaz, operou prodigiosas conversões. Em Malaca e n'outros pontos das suas missões perpetuam-se dulcissimas lendas, em que o Apostolo cura milagrosamente os moribundos e resuscita os mortos. E' de fé que o rei de Ulate, cercado em

seus dominios, por um exercito inimigo, ia render-se, por falta d'agua. Francisco Xavier offereceu-se para fazer chover, em troca da conversão do rei á fé christã. Annuiu o apoquentado homem, e para logo caiu chuva que abasteceu os sitiados, tendo o inimigo de levantar o cêrco. Ha na biographia do nosso heroe centenares de prodigios d'esta ordem, acreditados piamente por alguns milhões de boas almas. Dispensa-me de referil-os o simples intuito que determinou este livro.

Foi em 25 de junho de 1549 que Francisco Xavier, informado por um japonéz chamado Angelo, que o procurou, a pedir-lhe consolações, do estado dos espiritos no Japão, resolveu levar a esse paiz as luzes da sua palavra eloquente. Embarcou, pois, com aquelle destino, tendo préviamente escripto ao rei de Portugal uma carta cheia de sabios conselhos sobre a arte de governar, — nada faltava aos nossos reis!

Tambem escrevera a Santo Ignacio de Loyola e aos padres de Roma, congratulando-se com todos pelo bom exito de seus proprios trabalhos e annunciando-lhes as novas empresas esboçadas. Com elle foram o padre Cosme de Torres, o irmão João Fernandes, tres japo-nezes convertidos e os dois creados de Xavier, João e Antonio. Em Malaca, á hora da partida, houve conhecimento o apostolo de que um dos potentados do Japão pedira ao vice-rei da India que lhe enviasse missionarios prégadores. Em boa hora os pedia o Japonez.

Diz o *Anno Christão* que se tornaria necessario um livro inteiro para relatar os trabalhos, as viagens, as conversões e os prodigios realizados por Francisco Xavier no embrutecido paiz que hoje tão bonita figura civilisada nos apresenta á custa dos Chinezes. Ao termo de sua propaganda entre os Japonezes e tendo regressado a Gôa, pensou em ir á China, com iguaes projectos ; e, indo

a Malaca, ahí solicitou do governador que enviasse áquelle imperio uma embaixada, para o fim de obter auctorisação dos governantes, indispensavel aos seus planos. Recusou o governador D. Alvaro coadjuval-o, parece que para livrar o apóstolo de cruel morte ás mãos dos Chinezes, de barbara reputação. Insistia Xavier, quando por fim resolveu — diz o rev. Croiset que por inspiração de Deus—deixar aquelles trabalhos projectados a outros irmãos da Companhia de Jesus.

Era tempo de descansar, ao termo de dez annos e meio da afadigosa e ardentissima propaganda. Foi pelas duas horas da tarde de 2 de dezembro de 1562, ao fim de doze dias de enfermidade, que Francisco Xavier descansou no somno eterno, e, a seu vêr, no seio do Senhor, a quem servira.

*

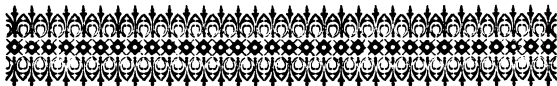
* *

Houve consternação geral das christandades, pela morte do apostolo que conquistara para a Fé os habitantes de seis mil leguas nas Indias e no Japão. Dois mezes e meio depois de fallecido e de sepultado em Malaca, foi o seu cadaver encontrado em maravilhoso estado de conservação e frescôr. Trasladado a Gôa e alli depositado na igreja de S. Paulo, da Companhia de Jesus, lá se conserva—objecto de intensa fé e culto dos naturaes e de numerosissimos visitantes. (1)

Francisco Xavier foi beatificado pelo Pontifice Paulo V, em 25 de outubro de 1619, e canonizado em 12 de março de 1622, por Gregorio XV. Em sua bulla

(1) Ao cadaver de S. Francisco Xavier foi *devotamente* amputado um braço e levado para Roma, onde se conserva na igreja da casa profsssa dos Jesuitas.

de canonização, chama-lhe este Pontifice Apostolo das Indias, e diz «que o seu apostolado tem todos os caracteristicos de uma vocação divina: o dom dos milagres, o das prophcias e o das mais perfeitas virtudes evangelicas.» Menos pontifical e mais honroso para a condição humana será reconhecer em Francisco Xavier um elevado, ardente e dedicado espirito e um generosissimo coração.



XXV

S. Rozendo

NATURAL de Gaia, no bispado do Porto, e florescente no seculo X da era christã. O *Catalogo dos bispos do Porto* informa-nos de que aos vinte e oito annos de sua idade foi Rozendo prior de Caveiro, junto ao Ferrol, na diocese de Compostella. D'ahi o tomou el-rei D. Ramiro II para bispo de Mondonhado, adoptando o prelado, nas suas armas, em logar de Alpha e Omega do Apocalypse, usado por sua familia, um compasso e um espelho, querendo dizer que

a vida de um prelado deve ser compasada por modo que possa servir de espelho ás suas ovelhas. Moral e engenhoso!

De Mondonhado foi Rozendo transferido para a diocese de Compostella e d'ahi para a de Dume. É esta ainda a opinião que eu vejo expressa no *Catalogo dos bispos do Porto*, mas na *Benedictina Luzitana* pondera Fr. Leão de S. Thomaz que ha evidentemente confusão, pois que no alludido Catalogo apparece Rozendo bispo de Mondonhado pelos annos de 935 e bispo de Compostella em 934; lealmente cita o parecer de Sandoval, que, na descripção da batalha de Clavijo dá como engano fazer a S. Rozendo bispo de Mondonhado e attribue esse engano á similhaça de Mondoniense e Dumiense. Consoante a opinião de Sandoval, foi Rozendo bispo coadjutor de Compostella e mais tarde bispo de Dume, mas as armas de S. Rozendo collocadas no

frontespicio da Sé de Mondonhado afiguram-se a Fr. Leão de S. Thomaz prova irrecusavel de que o nosso heroe foi prelado da alludida diocese. Tambem a mim.

Na Chronica do preclarissimo Yepes surge, porém, e peremptoriamente, esta versão: que foi Rozendo bispo de Dume, junto a Braga, que em segundo lugar foi promovido ao bispado de Mondonhado e ultimamente regeu por algum tempo o de Compostella, ou de Iria. E mais nos diz: que, embora convencido de que fôra Rozendo creado bispo aos vinte e oito annos, indo ao mosteiro de Cella Nova, edificado por aquelle santo, ahi lhe mostraram taes provas da nomeação d'aquelle bispo *aos dezoito annos*, que não houve senão cruzar os braços e attribuir o caso á precocidade da razão madura e sazoadada nos verdes annos de Rozendo.

*

*

*

Não era apenas a elevação de espirito o que assim o distinguia perante os homens: eram tambem os dotes de coração. Aparentado com a casa real de Hespanha, e filho de condes illustres, veiu Rozendo ao mundo em 26 de novembro do anno de 907 e em fructos de benção se traduziu o seu nascimento na propria hora de sua realisação, pois que os paes do recém-nascido celebraram o caso—dando liberdade aos escravos e distribuindo esmolas sem conto. Era o prenuncio dos beneficios que o santo varão havia de espalhar durante a vida,— que o não houve mais compassivo, nem mais valedor dos desgraçados. E vem de molde o bello e elucidoativo trecho da sanissima prosa que á infancia auspiciosa de Rozendo consagra Fr. Leão de S. Thomaz. Leiam-n'ó

os que, ao menos, prezam ainda a lingua portugueza:

«Com grande cuidado criára a Matrona Sara seu filho Izaak, por ser filho que Deus lhe deu: com o mesmo creou Anna, mulher de Eleaná, a seu filho Samuel, por ser filho de suas lagrimas, não com menor amôr creou a nossa condessa ao menino Rozende, por ser filho de suas orações. E assim, quando já a luz da rasão ia apontando n'elle, o inclinou sempre para todos os actos de virtude, indo crescendo na idade, na graça e na sabedoria para com Deus e para com os homens. Em pouco tempo e sendo de pouca idade, sabe perfeitamente as letras humanas e divinas, porque seus paes, porque eram tão illustres e se reviam n'elle, lhe buscaram os mestres mais famosos que n'aquelle tempo havia, e a qualidade d'elles excitava em Rozende o grande desejo de saber, porque, como diz Santo Ambrozio: *Primus ardor sciendi nobilitas est Magistri*: A

erudição do Mestre atíça no discipulo o desejo e a curiosidade de saber.»

Fertil correu a sua existencia como lição de virtude e de acendrada caridade. E ás margens do rio Minho o mosteiro de S. Vicente de Louvado e em Orense o de Cella Nova e ainda o de Caveiro em Mondonhado, constituem, com muitos outros, documentos de sua fé. Refere a *Benedictina Luzitana* abundantes milagres do prelado, desnecessarios ao meu intuito, singelamente humano, de apresental-o em plena luz inequivoca de seus dons superiores e nobres. Foi grande pela prudencia, pela illustração do entendimento e pela caridade, e aos setenta annos de idade, a 1 de março de 977, deu sua alma nas mãos de Deus «e a sua memoria á veneração dos homens bons.»

Está sepultado no mosteiro de Cella Nova, na provincia da Galliza.



XXVII

Varios Santos

S. MARTINHO.—O *Martyrologio Romano* louvando-se em S. Isidro,—como eu,—dá-nos S. Martinho a florescer em Braga nos tempos de Theodemiro e de Atanagildo. Foi arcebispo d'aquella diocese. Bom varão e bom crente, reduziu á fé catholica, mediante seu zelo e prégação, o primeiro d'aquelles monarchas da Hespanha, extinguiu a herezia Ariana, esteve no primeiro concilio bracarense e presidiu ao segundo. Diz o indicado *Martyrologio* que o arcebispo

Martinho acabou em paz, sendo imperador Justiniano e reinando em Hespanha Atanagilde.

Foi D. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga no seculo XVI, quem descobriu os restos de S. Martinho e os fez sepultar na egreja de Dume, edificada pela santo—se não falha o Concilio Tridentino.

*

*

*

S. VICTOR.—Tambem dos que illustram Braga, por seus feitos de virtude e affirmação de fé. Vulgarmente lhe chamaram S. Vitouro. Era ainda cathecumeno quando foi preso por não querer sacrificar a um idolo que estava junto do rio Lethes. Levado á presença do governador, ahi confessou valorosamente a sua crença, bradando em meio dos martyrios:—«Não negarei a meu Senhor Jesus Christo!» Mais forte e mais corre-

cto que S. Pedro,—sem offensa ao Pescador!

No lugar onde se crê que foi martyrisado S. Victor acha-se a igreja do seu nome, onde elle está sepultado—com sua irman Santa Suzanna.

*

* *

S. PEDRO DE RATES.—Discipulo de S. Thiago, foi o primeiro bispo de Braga e prégador eminente n'aquella cidade. Converteu grande numero de gentes, soccorreu desvalidos e curou enfermos. Havendo convertido ao Christianismo uma filha de um senhor da terra, depois de cural-a de uma lepra, foi morto por ordem do tal senhor e sacrificado em frente do altar da igreja de Rates—onde esteve sepultado o seu corpo, desde o anno de 44 ao de 1552, em que foi trasladado para a Sé de Braga.

*

* *

S. FREI GIL. — De Vouzella e muito considerado ainda hoje no bispado de Vizeu e em Santarem onde está sepultado. Nobre, do concelho de el-rei D. Sancho I e Védor da real fazenda, moço, gentil e possuidor de fortuna, pagou ás paixões mundanas um demorado tributo, a que o *Martyrologio Romano*, já citado, chama «pactos com o Demonio» Accrescentam os jesuitas do Martyrologio que uma visão celestial o affastou dos enganos do mundo para a religião dos Prégadores. E' certo e positivo que ahi viveu quarenta e quatro annos, com honra e brio, e foi Provincial de Hespanha, mercê de suas qualidades.

E' no mosteiro de S. Domingos, em Santarem, que se acham os seus restos, aos quaes se attribue muitas virtudes.

*

*

*

S. MANSOS. — Foi no tempo do imperador Trajano e governando em Evora o presidente Validio, que S. Mansos, depois de alli haver convertido á fé muitos pagãos, soffreu martyrio e morte.

Um bom cidadão, cujo nome ignoro, e tenho pena, deu sepultura aos restos do martyr em uma sua herdade que ainda hoje conserva a designação de «S. Mansos». Depois, o conde Juliano edificou alli uma egreja, onde os restos de S. Mansos encontraram guarida e culto, até que Abderamen, segundo rei mouro de Granada, avançou sobre Evora e os Christãos, cautellosamente, exhumaram os piedosos restos, — ao presente no mosteiro do seu nome, da ordem Benedictina.

*

* *

S. VERISSIMO. — O martyrio de Santas Maxima e Julia, de que já fallei opportunamente, foi compartilhado por S. Verissimo, irmão das duas santas. Com ellas repartiu os seus dias entre a oração e a caridade, e martyrisado e morto em Lisboa, em sua companhia, alli descansa, com as suas doces companheiras, na igreja de Santos-o-Novo.

*

* *

S. CUCUFATE. — Pouco me dizem os meus doutos informadores ácerca d'este santo, de quem eu ouvi falar em termos de consideração e affecto, em terras do nosso Minho.

De Cucufate sei apenas o que me diz, de relance, o *Martyrologio dos Santos de Portugal*, obra de alguns padres da Com-

panhia de Jesus, apensa ao *Martyrologio Romano*: Que no anno de 1102, o arcebispo de Compostella, D. Diogo, achou na egreja de Santa Suzanna uns despojos de S. Cucufate e de S. Silvestre e os levou comsigo para a Galliza; mas que nem todas as reliquias conhecidas, de S. Cucufate, estão em Compostella, pois que outra parte se acha na egreja de S. Diniz, perto de Paris, e em capella propria.

Vê-se que tinha importancia.

*

*

*

S. THEOTONIO. — Venerado em Coimbra e com toda a justiça o illustre conego regente da ordem de Santo Agostinho. Floresceu ao inicio da nacionalidade portugueza e, tendo renunciado o priorado da egreja cathedral de Vizeu e recusado o bispado que lhe offereceu o conde D. Henrique, foi-se a vizi-

tar os Lugares Santos, e de lá regressou para se consagrar á edificação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de que foi prior durante o espaço de trinta annos.

Douto, esmoler e dotado de grandes virtudes, foi adorado pelos humildes e respeitado pelos grandes. O fundador da monarchia, D. Affonso Henriques, e sua mulher não tiveram duvida em lhe agradecer, prostrados em giôlhos, as suas orações, a que elles attribuiam victorias contra os Mouros. Hoje, sei de priôres que de joelhos pediriam ao ministro mais succulenta freguezia, ou aos influentes os votos eleitoraes. Dissolve-se tudo!

S. Theotonio está em capella propria, no seu mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.



XXVIII

S. Geraldo

ESTE arcebispo de Braga, natural de França, entra na galeria dos santos portuguezes pela porta que serviu ao ingresso do navarro S. Francisco Xavier. E' nosso. Vinculou-se-nos, por seus feitos de virtude e pela gloria que entre nós conquistou. Tão farto numero de miseraveis nos teem deshonorado, «optando pela nacionalidade portugueza», que não ha logar para hesitações, quando vulto assim, que resplandeceu de luz pura, se enxerta em nossa vida e em nossa historia.

Deram alguns chronistas a S. Geraldo procedencia ingleza; mas a «Benedictina Luzitana» esclarece o ponto controvertido e supprime as ultimas hesitações. Geraldo é da provincia de Aquitania, bispado Carducense, vulgarmente chamado «de Cahors». Eram nobres os seus paes e, como os de S. Rozendo, eram bons e de natural propicios ao desenvolvimento moral do seu filho. As crenças da sua época os levaram a «consagrar a Deus» o filho primogenito, e assim em verdes annos vestiu Geraldo o habito da ordem de S. Bento, no mosteiro Mouziaco, do seu bispado, sujeito ao afamado mosteiro de S. Pedro de Cluni.

Depõe ácerca dos meritos do varão o seu chronista Bernardo, bispo de Coimbra, o qual diz—«que no mosteiro Mouziaco elle professou e com a idade foi justamente crescendo nas virtudes e na observancia da disciplina regular, por maneira que a todos os seus companheiros excedia em notoria vantagem. Era

muito deligente em tudo o que lhe encommendavam, ainda em ceremonias mui miudas, guardava a sua alma de todo o genero de peccado, com toda a vigilancia, tratava seu corpo com toda a aspereza e rigor; porém, para com seus irmãos era muito affavel e brando de condição, e, finalmente, resplandeciam n'elle muita humildade, estremada paciencia, mansidão e piedade e todas as mais virtudes» . . .

Dá para pensar, — facilmente o concebo, — que eu tanto exalte, pela transcripção e pelo applauso, virtudes que, infelizmente, eu não possuo: a humildade, a paciencia, a piedade; mas, emfim, o meu tributo é especie de humildade, confessada por mim, endurecido peccador, e é todo o protesto contra *o que por ahí se vê*: a petulancia, a vaidade, o atrevimento das mais torpes mediocridades ao simples bafejo da vesga e absurda Fortuna prostituida. Espectaculo nauseante, que justifica antecipadamente,

todas as crueldades de um destino vingador: que não ha, na face da Terra, mais desolador espectaculo, deprimente para o Creador e para a creatura, que o da Insignificancia vil altiva em seus triumphos!

Essa miseria da Sorte é o que gera as insupportaveis amarguras: é o olhar insultante que sobre a miseria do honrado cae do estanhadissimo ladrão escapo, por suas precauções, á acção do Codigo; é a feição compassiva do infame das ultimas condescendencias para com o soffredor das privações e das provações todas!

A sincera homenagem, que vae n'este livro aos que foram humildes, pacientes e piedosos, sendo fortes de toda a seiva das boas almas e illuminados da inspiração do Bem, contra a tyrannia e a perversidade dos *subalternos no alto*, é, pois, um implicito protesto.

*

* *

Muito douto, muito sabio o consideraram, a Geraldo, o abbade e os outros monges, e, por isso,— oh, tempos abençoados! — o distinguiram com amizade e veneração. Escolheram-n'o, entre todos, para vizitador dos mosteiros diversos sujeitos ao de Mouziaco. Em sua missão foi Geraldo como d'elle esperavam os seus honrados companheiros na travessia da vida: zeloso, intelligente, persuasivo pelo exemplo, pela eloquencia — irresistivel.

Como veiu a succeder com S. Francisco Xavier, que é nosso porque o rei D. João III, de Portugal, pediu a Roma que lhe enviasse missionarios, assim Geraldo nos veiu, com D. Bernardo, enviado a D. Affonso VI de Hespanha pelo abbade geral de Cluni, mais tarde, primeiro arcebispo de Toledo. Aproximava-se de nós o futuro prelado braca-

rense ; mas, não percamos o fio dos acontecimentos que determinaram em nosso favor e gloria a conquista d'aquelle varão.

Haviam estipulado os Mouros, ao entregarem Toledo a el-rei D. Affonso VI, que os deixariam viver em paz e em suas crenças. Mal se cumpriu, pois que D. Bernardo, então abbade de Sahagun, combinou com a rainha D. Constança, mulher de D. Affonso VI, auzente, desapossar os Infieis da igreja maior da abbadia, em qual igreja haviam estabelecido mesquita. Com um troço de soldados catholicos invadiu D. Bernardo a igreja, expulsou os Mouros e restituiu ao culto da fé christan o templo profanado pelos infieis. Allegavam estes que não se falara da sua impiedade quando lhes garantiram a posse pacifica do templo. Mas, era uma especie de Politica.

Não agradou tal Politica religiosa a el-rei D. Affonso VI, que, pelos modos, não previra com agrado as *combinações*

fim de seculo XIX. Do ponto onde se achava, partiu para Toledo, resolvido a castigar os excessos religiosos de sua mulher e do abbade do Sahagun. Reuniu-se a clerezia, para o fim de abrandar o irritado monarcha, fidelissimo a seus contractos ; «mas não houve remedio» — dil-o, maguadissima, a *Benedictina Luzitana*. Milagrosamente, porém, os proprios Mouros aggravados «movidos por Deus» — que não desdenha tratar com infieis, — foram-se ao encontro do rei catholico e pediram-lhe que perdoasse á rainha e ao abbade — os seus perseguidores, — declarandô-lhe que lhes bastava para sua satisfação saberem que o agravo lhes fôra feito sem o beneplacito do rei. Boa lição dos Mouros! Agora creio eu que seriam «movidos por Deus» — se assim convém á inspiração da cavalheirosa Honra.

Agradeceu-lhes Affonso VI, prometeu-lhes mercês novas e perdoou á mulher e ao abbade. Depois, elevou D. Ber-

nardo ao arcebispado de Toledo, e a Roma se foi o novo prelado, avistar-se com o Pontifice Urbano II, que tambem fôra monge de Cluni e que o recebeu com grande aprasimento, obsequiando-o em muito e nomeando-o seu Legado nas Hespanhas.

Foi Geraldo nomeado em Toledo, pelo seu amigo D. Bernardo, chantre da Sé d'aquella cidade. Ignoro o como de seus merecimentos possam dar que falar os chantres contemporaneos; o certo é que no seu cargo teve Geraldo novo ensejo de augmentar o seu prestigio. Todas as egrejas de Hespanha o desejavam para seu pastor. A sorte favoreceu, porém, a Metropolitana bracarense, pois que, por morte do arcebispo D. Pedro, foi Geraldo por geral assentimento de Clero e povo de Braga eleito arcebispo d'essa diocese. Reagiu a humildade do santo homem contra a distincção, mas demoveu-o da recusa a ideia das responsabilidades, que, de

certo modo, abafavam as honras com os sacrificios.

*

* *

No governo da sua diocese, apoz a confirmação obtida do Pontificie Paschoal II, foi Geraldo um modelo de sabedoria e de bondade. Conciliador, zeloso das prerogativas da Fé e das da sua egreja, não menos que do bem-estar dos seus subditos espirituaes, caridoso e indulgente para com os humildes: tal foi o prelado. Dizem as chronicas que ao tempo (fins do seculo XI) estava toda aquella terra bracarense «muito estragada pela sensualidade» e a este flagello, de que ao depois, como é notorio, se curaram aquelles povos, acudiu o veneravel arcebispo, admoestando os libertinos a que entrassem no caminho direito. Diz a *Benedictina Luzitana* que, quando os devassos se obstinavam nas infernaes delicias, recorria S. Geraldo

«ao ferro e ao fogo, para que as almas alcançassem a salvação.» Quer dizer na sua que o casto arcebispo usava de rija therapeutica, como ides vêr.

Havia em Guimarães um fidalgo illustre, chamado D. Egas Paes, que seguia a côrte do conde D. Henrique. Vivia o D. Egas em relações peccaminosas com uma parente, e não lhe faltaram reprehensões do prelado, as quaes achavam insensivel o endurecido peccador. Chegou S. Geraldo a ameaçar o D. Egas com a censura de excommunhão, mas o fidalgo riu-se da ameaça e perseverou no mau arranjo da vida, com grande escandalo do povo—e dos invejosos.

Sucedeu que a Guimarães fosse, a dizer missa, o arcebispo, em presença do conde D. Henrique e de sua mulher D. Thereza. Revestido das vestes pontificaes, subiu S. Geraldo os degraus do altar e, olhando de lado, viu estar o D. Egas perto do conde D. Henrique.

E então, sem principiar a missa, disse em altas vozes:—«Lançaê fóra da egreja a Egas Paes, porque é peccador publico e está excommungado como membro pôdre; e, se assim não fizerdes, nem eu irei por diante com o sacrificio, nem vós ouvireis missa». Estabeleceu-se grande confusão, reagindo o Egas contra o atrevimento do prelado; —«mas (isto agora é da *Benedictina*) Deus castigou logo esta soberba, porque permittiu que entrasse o Demonio n'elle, e o derrubando-o no chão, o tratava de maneira que logo no gesto e visagens que fazia, mostrava quem era o que o atormentava».

Assim levaram o Egas meio morto, para fóra da egreja, e S. Geraldo foi rezando a sua missa, ao termo da qual o conde D. Henrique e sua mulher e diversos fidalgos presentes pediram com muitos rogos ao prelado que se compadecesse do Egas e rezasse a Deus por elle. Deixou-se mover o santo á piedade, e logo o Demonio deixou de atormentar

o dissoluto, indo este lançar-se aos pés do arcebispo e promettendo-lhe mudar de vida, o que cumpriu com satisfação dos escandalisados — e dos invejosos das suas delicias peccaminosas.

*
* *

O leitor inclinado ao Sobre-Natural não me perdôa, certamente, que eu attribua a quêda e as visagens do Egas a um ataque de epilepsia, determinado pela scena da egreja. Eu, mais indulgente para com as fraquezas do meu proximo, desculpo a esse leitor indignado a sua revolta contra a explicação natural e humana, que eu procuro em prejuizo do Milagre. E' de presumir que a minha consideração por S. Geraldo e por outros vultos da minha galeria passe aos dominios da suspeição, pois que eu os considero réus de mystificações. E eu

respondo aos suspeitosos:—Santa mystificação a que pretendia arrancar ao Mal, pelo processo mysterioso, os embryonarios espiritos refractarios á razão do homem! O erro e a torpesa e o embuste consistiriam em explorar esse processo de «outro tempo», quando os olhos do espirito contemplam, fixos e dilatados, as enormes fraudes da Civilização. Perdeu tempo a Humanidade, esgotou seiva, consumiu forças na investigação do Mysterio, convertendo em Cauza e em Fim o que era apenas um processo, nobremente engenhoso, dos educadores da sua infancia prolongada. Hoje, tarde despertada, não tem que vêr n'esse processo, nem nas maravilhas que lhe apontam, para além-da-morte, como compensadoras das suas miserias. A Sciencia rasgou véus e partiu algemas, e não faltam indignados que protestem — porque é enorme o vacuo das «crenças mortas» e porque augmentam as anciedades! Toupeiras indignadas, por-

que lhes deram luz; escravos revoltados, porque os fizeram livres!

Iluminados e livres os espiritos! Mas, dizem uns despojados da «crença» — que são assim mais desgraçados! E d'alli acodem os exploradores da Treva: — Que é da falta de solução dos dois problemas: Deus e a Bemaventurança. E' tempo de os Miseraveis responderem — que estão resolvidos os dois problemas: que Deus disse ao Homem: — »Trabalha!» e que as leis do Trabalho são as leis da Vida: que a Bemaventurança, alvo da troça voltairiana da sociedade burgueza e seu ponto de apoio á ultima hora afflictiva, é para contos largos, — segunda leitura: que é tempo de lidar por ser feliz na terra aquelle que ahi cumpriu a lei de Deus: — aquelle *que trabalhou!*

Este livro, offerecido aos que do Trabalho só colheram as afflições, não póde acceitar como Causa, como Norte e como Fim as pias fraudes d'outr'ora. — «Tra-

balho!» é a lei. E á Humanidade soffredora cumpre fazer o resto: extrair do Trabalho a felicidade na terra, — e destruir os estorvos, brandos ou violentos, que se lhe oppõem ao cumprimento d'essa lei.

Não ha outro Problema em discussão.

*

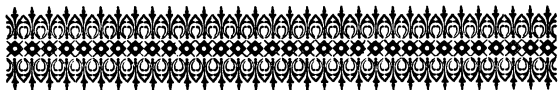
* *

Não faltam na chronica de S. Geraldo os milagres indispensaveis ao «espirito devoto», mas inuteis á gloria do varão justo. Mais humanamente, insistem os chronistas na extrema caridade do santo para com os pobres e no zelo que lhe mereciam as «suas ovelhas», ainda as mais distanciadas. Foi assim que o arcebispo vizitou por vezes os moradores das serras do Marão, do Gerez e do Barrozo, prégando nas humildes igrejas das povoações ruraes, aconselhando e esmolando carinhosamente. Foi justa-

mente nas montanhas de Barrozo, hoje celebres pelas excursões de Frei Bartholomeu dos Martyres, que S. Geraldo, n'um logar chamado Bornes, adoeceu de umas ruins febres, achando-se alli em visita pastoral. Apercebeu-se da morte imminente, e esperou-a como justo, sem lamentações, nem pavores. Acudiram á sua beira os pobres clérigos da terra, e com elles rezou o prelado os psalmos penitenciaes. Horas volvidas, aos 5 de dezembro de 1109, entregava o santo homem o espirito ao seu Creador.

S. Geraldo está na Sé de Braga, onde tem capella especial. E perto de Agueda tem ermida de seu culto.

NOTAS



A

Santos Portuguezes... Melhor eu dissera:—nados em territorio que é hoje de Portugal. Isto por que me não objectassem que as santas filhas de Cati-lio, entre outras, que na primeira metade do seculo II soffreram martyrio e morte, não são patricias do primeiro Affonso portuguez, fundador da presente monarchia. Mas, emfim, se em muito nos honramos com os feitos e a gloria do nosso Viriato, que no seculo II (A. C.) humilhou as aguias de Roma, é admissoivel o ingresso das pobres santas á galeria dos meus eleítos.

Devo consignar que, ao inicio do meu trabalho, se me offereceram demonstrações de boa camaradagem, penhorando-me com a offerta e a indicação de esclarecimentos e de expositores. Não será demais indicar, com muito reconhecimento, um meu «companheiro» de um quarto de seculo — Lino de Assumpção, que hoje desempenha o cargo de inspector das bibliothecas e dos archivos do reino, e cuja competencia n'aquelles estudos, em que eu sou um profano, se mede rigorosamente pela intelligente dedicação que lhes consagra. Não esquecerei o meu prezado Armando da Silva, jornalista de grande raça e tão original que o seu talento nos dá fructos opimos, sem que nos lembremos de um dia lhe haveremos dividido flores. O sr. Antonio Thomaz Pires, cavalheiro residente em Elvas e que consagra ao estudo da Poesia popular os abençoados intervallos de mais graves serviços, terá ensejo de verificar

nas seguintes notas quanto lhe devo em espontaneo favor. Outros me forneceram indicações que eu considero muito leaes, mas sem esquecer-me de uma observação de Camillo Castello Branco, a quem, um dia, eu consultava sobre um ponto duvidoso da lingua portugueza. Dizia assim o Mestre:

— «Ahi lhe remetto o meu parecer. Agora, consulte os livros, e depois consulte-me outra vez. E' o mais seguro.»

Pois que eu, nos taes casos de informação, muito leaes, decerto, não possuia os livros, nem familiaridade para segunda consulta, abstive-me de aproveitá-la, e diz-me a prudencia da minha idade — que assim foi bom.

*

* *

Com as indicações vieram, *a priori*, as reclamações. Que eu não esquecesse Santa Nathalia, Santa Sita, S. Torqua-

to . . . Em especial, S. Torquato é considerado por muitas pessoas illustradas um santo de nacionalidade portugueza. Não é assim. S. Torquato, muito em veneração ás margens do Cavado e do Ave, era, segundo todas as probabilidades, natural de Roma, d'onde passou á Terra Santa, e d'ahi veiu com o apostolo S. Thiago, seu mestre, a evangelisar nas Hespanhas. D. Mauro Castella Ferraz, na sua *Historia del apostolo Santiago* (Madrid, 1606) appellou para a *Chronica de España*, de Ambrosio Morales, para Santo Izidoro e para o padre Marieta, para o fim de nos apresentar S. Torquato como bispo de Cadix e martyr n'aquella terra andaluza, alli sepultado e trasladado ao mosteiro de Celanova, a quatro leguas de Orense, na Galliza. Mas as memorias e a tradicção, que no Minho dão aquelle santo como evangelizador n'essa região e sepultado na sua igreja, perto de Guimarães, desnorteiam o historiador hespanhol, lançando-o na

hypothese de que são dois os Torquatos: um d'elles florescente no episcopado de Cadix, alli martyr e hoje na Galliza, e o outro evangelizando no Minho e hoje sepulto n'essa provincia portugueza. Em que peze ao depoimento do erudito Gaspar Alvares de Louzada, fávorable á hypothese de Guimarães, contraria á de Cadix, Mauro Castella Ferraz limita-se pios a admittir que da nobre familia dos *Torquatos de Roma* podem ter sahido os dois Torquatos, origem da interessante discussão. Pelo que toca ao bemaventurado Santo Amador, ao Santo rei Wamba, a Santa Xantippe e Santa Mileu,—não os esqueci—salvo as duvidas que não vinguei esclarecer; e tão pouco olvidei as santas filhas do rei D. Sancho I, Sancha e Thereza, canonizadas em 1705, nem Santo Ovidio, sepultado na Sé de Braga, nem S. Silvestre, nem S. Romão, que tem ermida propria a uma legua de Panoias e sepultura no campo de Ouri-

que; nem os santos martyres Berardo, Pedro, Adjuto, Accurcio e Otto, da ordem dos Menores, e martyrisados em Marrocos; nem S. Vicente (de Evora), nem suas irmãs, Santa Christela e Santa Celina (da mesma cidade); nem algum outro. Mas Santa Nathalia é de Nicomedia, e não lhe dá fôros de portugueza a sua sepultura em Chellas. O mesmo com Santa Sita, sepultada em Thomar, mas natural de Pisa. Já em devido logar justifiquei a introducção do *francez* S. Geraldô e do *navarro* S. Francisco Xavier na galeria dos *santos portuguezes*. Quanto aos diversos santos, uns do Minho, outros das duas Idanhas— a Velha e a Nova, etc., que não deram entrada n'este livro, só poderá absolver-me das lacunas a absoluta despreensão do meu trabalho—no terreno da investigação historica e erudita.

Dado que este livro haja de fruir as glorias de segunda edição, talvez se complete, quanto possivel, a çõordena-

ção reclamada e se exclua algum portuguez *suspeito*; por emquanto, farei apenas o que saiu da intenção do auctor: — *a apresentação dos Santos Portuguezes, com a sua simplicidade, ao Espirito da Plebe, antes que as manobras da aliança Burgueza-Apostolica-Romana os convertessem em agentes da Colligação.*



B

Ácerca de S. João de Deus, encontro no *Correio Nacional* (de Lisboa) de 8 de março de 1895 a seguinte interessante nota, rectificada a pag. 30 e seguintes:

«São João de Deus nasceu pobre; morreu pobrissimo. Mas deixou uma herança de subido valor que o Portugal *moderno* repudiou, por lhe desconhecer na occasião o alto merecimento, e que o estrangeiro acceitou e trata de valorisar.

Aos oito annos de idade, S. João de Deus deixava a villa que lhe foi berço e passava a Castella, onde, até á idade de quarenta e tan-

tos annos se entregou a varias occupações. Foi pastor, foi soldado, foi vendedor ambulante de livros, mas em todas as situações da sua accidentada vida revelou sempre que no seu coração reinava um vivo sentimento de amor do proximo.

Estava um dia em Granada quando, na festa do glorioso martyr S. Sebastião, prégava um varão insigne nas lettras e na virtude — o padre João d'Avila, o apostolo da Andaluzia, como o cognominavam peio seu zelo christão e pela sua eloquencia evangelica.

A palavra quente e sincera do prégador christão fez funda impressão na alma do futuro fundador da ordem dos irmãos hospitalarios; o filho de Montemór-o-Novo conheceu que os seus destinos iam ser mudados, e, ardendo em santo amor de Deus, saiu da pequena ermida dos arredores de Granada, onde escutara attento a palavra eloquente do padre João d'Avila, resolvido a deixar a vida mundana, para se entregar de corpo e alma ao exercicio da caridade christã.

Pouco depois, S. João de Deus arrendava

em Granada uma casa para recolher os enfermos pobres. Não tinha riquezas, mas o santo portuguez não attendeu ás difficuldades; não considerou na falta de meios; só escutou as vozes da sua fé inquebrantavel e os conselhos da sua caridade sem limites. Deus subministraria as camas, as roupas, a mobilia para o seu hospital, os alimentos e os remedios para os seus doentes—os seus filhos predilectos.

Effectivamente não lhe faltou a misericordia divina. S. João *fez-se tudo para todos, para salvar a todos*—os seus enfermos. De dia, de noite, pelo sol, pela chuva, percorre as ruas, entra nos palacios dos ricos, na côrte dos reis, visita as pessoas devotas, a todos se dirige, a todos pede, e vae colhendo, cuidadoso, esmolas para os seus doentes. Todos lhe dão esmolas com muito amor e boa vontade: uns, dinheiro; outros, pedaços de pão ou pães inteiros, e outros o que lhes sobeja das mezas; e voltando aos seus pobres diz-lhes—*Deus vos salve irmãos; rogae a Deus por quem vos faz bem!*—Repartia por todos

as esmolas que trazia; e depois de ter comido e rezado pelos bemfeitores, o Santo lavava os pratos e tiellas, esfregava as panellas, varria e limpava a casa, ia buscar agua e lenha para o seu hospital, etc.

A caridade christã faz d'estes milagres.

O hospital fundou-se assim; cresceu, desenvolveu-se; fundaram-se outros; appareceram auxiliares do Santo Portuguez, que todos á porfia queriam ajudar no seu santo empenho.

O resto da sua vida terrestre, que findou a 8 de março de 1550, foi assim consagrada ao bem, á virtude, a soccorrer os pobres, a proteger as donzellas, a casar as raparigas abandonadas e a consolar todos os que soffriam.

Granada chorou commovida a sua morte; os pobres perderam o seu bemfeitor; os doentes o mais carinhoso dos enfermeiros; mas a sua obra ficou, espalhou-se pela Hespanha, Portugal, França e por toda a Europa.

Vinte annos depois, S. Pio 5.^o, pela Bulla — *Licet ex debito* — de 1 de janeiro de 1571, approva a ordem dos Irmãos Hospitaleiros de

S. João de Deus, que deu á Igreja muitos varões insignes na virtude, alguns dos quaes mereceram a palma do martyrio.

No seculo passado a Ordem de S. João de Deus contava, segundo nos refere o Padre João Baptista de Castro, 18 provincias, de que se compunham as duas Congregações de Italia e de Hespanha, com dois Geraes independentes um do outro, e divididas por Paulo 5.^o no Breve—*Piorum virorum*, de 12 de abril de 1608.

O primeiro convento da Ordem que se fundou em Portugal foi na propria casa em que nasceu o Santo, a qual dois religiosos de Hespanha que vieram a este reino compraram com esmolas, fundando n'ella um templo e hospital.

A Ordem de S. João de Deus teve depois em Portugal conventos e hospitaes em diversas terras do reino: Lisboa, Elvas, Campo Maior, Moura, Extremoz, Castello de Vide, Lagos, Salvaterra do Extremo, Penamacôr, Almeida, Caminha, Monção, Bragança, Chaves e Miranda.

Varões illustres em sciencia e virtude, houve muitos na Ordem de S. João de Deus.

As nações da Europa acceitam e protegem os filhos de S. João de Deus, que tão altos serviços prestam á humanidade enferma. Portugal, porém, não os consente; expulsou-os em nome da *liberdade* e da *cirilisação*.»

*

*

*

No interessante semanario *O Meridional*, que se publica em Montemór-o-Novo, a terra de S. João de Deus, deparam-se em 3 e 10 de março do corrente anno (1895) abundantes e curiosissimas notas ácerca do veneravel santo. Firma-os a inicial O. Das copiosas notas do esclarecido e modesto investigador, cõlho as seguintes, em homenagem ao nosso commum heroe:

«Um hospital denominado da Caridade, em Paris, era outr'ora dirigido pela congregação

de S. João de Deus, vindo expressamente de Itália para esse fim alguns membros d'esta congregação, em 1607, pouco mais ou menos, por mandado de Maria de Medicis, o qual, nos seus principios teve mais de metade das suas camas adquiridas por esmolas particulares e hoje recebe uns 8.000 doentes aproximadamente, por anno. (Hôpital de la Charité: hôpital autrefois dirigé pour la congregation de Saint-Jean de Dieu; Marie de Médicis fit venir pour celà d'Italie quelques-uns des membres de cette congrégation, en 1607, à peu près, en étant plus de la moitié des lits de malades établis par des charités privées et en étant aujourd'hui le nombre de malades de 8.000 environ par an).

Paris, pois, a excelsa cidade, coração da Europa, ainda hoje conserva recordações dos beatificados varões portuguezes, ambos sendo exemplares de pura piedade, mas um sendo o precursor de S. Vicente de Paula e outro o conceituado theologo, primeiro n'essa não pequena série de vultos proeminentes da sciencia ecclesiastica, que tanto ennobreceram Por-

tugal, indo tambem alguns glorificar o nome portuguez em Paris e Roma. Mui judiciosamente se referiu José Estevão, o famoso tribuno portuguez, a S. João de Deus, louvando-lhe os seus merecimentos, no monumental discurso pronunciado no parlamento, em 1862, a proposito d'um conflicto havido com as irmãs da caridade, em a nossa capital, e não o reputando inferior a S. Vicente de Paula.

Muito sensatamente o primoroso escriptor e illustrado medico Thomaz de Carvalho, no seu memoravel artigo de 1853 «Abaixo a roda dos expostos!» disse que quando S. Vicente de Paula, o evangelista da caridade, fundava em Paris um hospital para maternidade, á custa de esmolas que elle proprio pedia de porta em porta, já em Portugal o confessor da rainha D. Leonor, o caridoso Miguel Contreiras, tinha suscitado no animo da virtuosa esposa de D. João II a munificencia para as obras de Misericordia. S. Vicente de Paula, nascido em 1576 e fallecido em 1660, filho de familia pobre e pastor por algum tempo, como S. João de Deus, inspirou-se por dedicação d'este,

sem duvida, para fundar a sua *Confraria de Caridade* em 1617, e talvez se inspirasse tambem no modelo de Miguel Coutreiras, para fundar em 1648 o estabelecimento dos expostos, embora, por melhores meios ao seu alcance, pudesse ter dado mais largas á sua devoção, creando ainda a congregação dos *Padres das Missões* em 1625 e a instituição das *Irmãs da Caridade* em 1634. Não será pois o santo francez um seguidor mais desenvolvido do santo portuguez? Assim o cremos; ha exemplos impereciveis, e mui principalmente os dos heroes do Christianismo.

S. João de Deus, não logrou vêr em sua vida a sna ordem de caridade approvada pelo pontifice; a regra foi redigida em 1566, os votos foram intrcduzidos em 1570 e a ordem approvada por Pio V em 1572, sendo a canonisação feita por Alexandre VIII em 1690, com festa introduzida a 8 de março.»

«Os successores de S. João de Deus nas suas obras de caridade foram: os portuguezes — Antonio Martins Donato, natural de Lu-

miar, fallecido em 1631; fr. Domingos Pecador, natural da villa do Penedo, bispado de Lamego, fallecido em 1643; e os hespanhoes — Pedro de Velasco, natural de Guadafortuna; João Garcia, tambem natural de Guadafortuna; Simão d'Avila, natural de Granada; Dominico Piolo, natural de Genova.

«O hymno de S. João de Deus tem sete estrophes, e no final diz-se:

Ora pro nobis, Pius Pater pauperum
Ut ope tua te sequamur ad Dominum.

«A bulla apostolica para a beatificação começa assim — *Urbanus Papa VIII ad perpetuam rei memoriam. In sede Principis Apostolorum*; e termina assim — *Datum Romæ apud Sanctam Mariam Maiorem, die XXI septembris MDCXXX Pontificatus nostri anno octavo*. A respeito d'esta bulla dizem os hespanhoes que: El padre fr. Juan Santos, en el Bullario impreso en Madrid por Geronimo de Estrada, a. de 1702, dice que se guarda la propria en el Archivo del Hospital de Madrid

y que de ella hace mencion fr. Serafino Teviselo y fr. Marcos Aurelio.

«A acta da canonisação começa por este titulo — *Granaten. Canonisationis Beati Joannis Dei Fundatoris Ordinis, vulgo Fatebene fratelli nuncupati*. Por decreto da Congregação dos Bispos e Regulares, de 28 de janeiro de 1703, dado em Roma, sendo protector da ordem o Cardeal Carpineo, foi concedido ao Prior de Montemór-o-Novo voto em todos os capitulos.

«A bulla do jubileo principia por este modo — *Innocentius Papa XII ad perpetuam rei memoriam. Celestium numerum Thesaurus*; e acaba por este modo — *Ita reperitus in Registis Decretorum Congregationis Sacrorum Rituum, die XVIII Septembris MDCXIV*. Por egual, os hespanhoes dizem que se guarda o original no Archivo de Madrid.

«A bulla da approvaçao da religião principia d'esta fórma — *Pius Episcopus Servus*

Servorum Dei, ad perpetuam rei memoriam; e acaba d'esta fórma — Datum Romæ apud Sanctum Petrum anno Incarnationis Dominicæ millesimo quingentesimo septuagesimo primo kalendis Januarii Pontificatus nostri anno sexto. Ainda os hespanhoes dizem que se guarda o original no Archivo de Madrid.

«A primeira inquirição de testemunhas para a canonisação foi feita em Montemór-o-Novo em 1623, e a segunda em 1625. Umas d'estas testemunhas depozeram que, por ouvirem dizer, sabiam que João de Deus era filho de paes que não tinham raça de mouro ou judeu, e que não eram christãos novos, mas sim christãos velhos; que, por presenciarem, sabiam que na casa onde nasceu e morou o santo, na Rua Verde, sempre houve um oratorio com duas lampadas e duas imagens, uma de retabulo e outra de vulto; que muitas pessoas tinha por milagrosa a terra do dito oratorio, a qual era boa para curar seções, tendo as pedras da capella a singular virtude de curar paralyticos. Outras testemu-

nhas disseram que tinham ouvido dizer a seus ascendentes terem conhecido o pae do santo, André Cidade, o qual, assim que enviuvou foi para o convento de S. Francisco de Xabregas, em Lisboa, ser frade. Outras declararam que sempre foi opinião publica ser João de Deus respeitado, como santo, pelas suas virtudes. Outras emfim confirmaram que na capella em que se transformou a casa do santo se faziam rogações com muito proveito, obtendo-se resultados milagrosos. André Alvares Cidade, de idade de 65 annos, 8.^a testemunha, depôz na segunda inquirição, que seu pai André Lourenço Cidade era primo co-irmão do pai do santo. Anna Jorge, d'idade mais de 100 annos, depoz na segunda inquirição, que conheceu o beato João de Deus e seu pai André Cidade.

«Na Chronologia Hospitalar, impressa em 1746 por Francisco Antonio de Villa Diogo, diz o padre Juan de Santos que os irmãos da ordem de S. João de Deus que vieram a Montemór-o-Novo, para ahi fundarem a igreja e

o convento sob invocação do mesmo santo, foram João Lopes Pinheiro e Fr. Jacintho Perez. Foram estes irmãos que compraram a casa onde o santo nasceu e morou, com o producto d'esmolos que estavam em poder de Manuel Dias e Anna Gomes, indo o Fr. Jacintho dar parte do successo a Madrid.

Diz mais que D. Francisco de Mello filho de D. Constantino de Bragança, sobrinho do Arcebispo d'Evora, D. José de Mello, lançou a primeira pedra para a fundação da igreja, a qual pedra n'uma das faces tinha a inscripção — *Hic lapis a Domino Francisco a Mello anno 1625, 24 junis*, e na outra a inscripção — *Beato Joanni Dei ubi natus, hic adoratus*. Declara tambem que por essa occasião fez-se uma procissão em que compareceu o Barão de Castelmelhor, D. fr. Diogo de S. Vicente, religioso de S. Francisco; que a mãe do santo se chamava N. Duarte em que em 1677 se concedeu o hospital aos religiosos de S. João de Deus.

«Na Rua Verde, uma via estreita, parte da

qual ainda hoje existe em Montemór-o-Novo, conhecendo-se a sua antiguidade por umas portas de bico alli conservadas, é que estava situada a casa onde nasceu o beato João de Deus. Esta casa foi convertida em capella por dois religiosos que vieram de Campolide a Montemór-o-Novo, sendo a referida casa comprada com producto d'esmos. N'esse oratorio levantaram um pequeno altar, onde collocaram duas imagens do santo, uma em painel, outra em figura, ante as quaes suspenderam duas lampadas.

A capella ou oratorio é de pequenas dimensões; tem pouco mais ou menos a altura de homem e meio, é quasi quadrada, tendo por lado uns tres metros; o seu tecto é de rija abobada, sobre a qual assenta o altar mór e o throno da egreja dita de S. João de Deus, e o seu pavimento, mais baixo do que o solo circumjacente, cousa de meio metro, é hoje de ladrilho mosaico; o altar está collocado na parede de sudeste, uma janella gradeada e envidraçada está aberta na parede de noroeste, e na parede do norte, á direita ha uma porta

estreita, d'umbraes de granito carcomido, resguardados por uma moldura de delgadas grades de madeira · é esta porta a primitiva, da moradia do santo; a capella é toda estucada, com frizos e filetes dourados, apresentando pinturas a tempera, as quaes significam as phases da vida do santo.

As pinturas da capella representam a casinha dos paes do santo, descendo sobre ella um facho de luz, na occasião em que elle nasceu; a vida pastoril do santo e a estada d'este em Africa, para consolar os captivos; a peregrinação do santo pedindo esmola para o seu hospital; o incendio do hospital, e o santo carregando com os enfermos para os salvar das chammas. Estes mesmos passos se acham representados em quadros de télas a oleo, na sacristia da igreja pertencente ao convento.

O convento, hoje muito modificado, serve para alojar repartições publicas, e a sua igreja é séde d'uma freguezia; tanto o convento como a igreja são de modesta fabrica. Na sacristia d'esta igreja ha do santo um retrato a oleo, havendo outro semelhante mas maior

no asylo d'infancia desvalida; ambos estes retratos são de meio corpo, representando o santo vestido d'habito franciscano, e em ar meditativo, fixando os olhos sobre um crucifixo que tem nas mãos.»



C

Côlho no jornal *O Tempo* (de Lisboa) de 7 de fevereiro de 1891, os seguintes curiosíssimos apontamentos devidos ao meu amigo e camarada, sr. Armando da Silva, ácerca do *Romance de Santa Iria*:

«Santa Iria, Santa Irene, é a padroeira de Santarem, a que deu o nome da fôrma segunda. A lenda monastica vem relatada na *Historia de Santarem edificada* do padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, obra que tem duas partes impressas em Lisboa occidental (1740); nas *Memorias chronologicas dos alcaides-mores da Villa de Santarem* (Lisboa, 1825), por

Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo e Carvalhosa, visconde de Santarem; e nos *Monumentos e lendas de Santarem* do sr. Zeferino Brandão. Póde tambem conferir-se um artigo do sr. Myla y Fontanals na *Romania*, 6.^e année, p. 41, onde se cita a *España sagrada*, XIV, 201, 35, que traz transcripta uma versão gallega.

O romance de Santa Iria, que pertence ao cyclo da mulher perseguida e da esposa desgraçada,¹ e em que o sr. dr. Theophilo Braga reconhece a subsistencia, hoje incomprehensivel, do direito consuetudinario que tinham certos burgos de não admittirem cavalleiros dentro dos seus muros,² é um dos que teem origem portugueza, e constitue certamente uma das lendas mais queridas do nosso povo.

Publico em seguida uma versão d'elle recolhida no Fundão, concelho da Beira Baixa,

¹ Th. Braga, *Pov. port.*, II, 499. Cs. mais *Hist. da poesia pop. port.* e *Epop. da raça mosarabe*, do mesmo A.

² Nota 13 aos *Cant. do Brazil* do dr. Silvio Romero, p. 179.

e que pertence ao meu livro em preparação,
sobre a litteratura oral da villa beirense.

Estando eu cosendo
Com um dedal de prata
Passou um passageiro
Pedindo pousada:
Se meu pae lh'a desse,
Estava muito bem dada.
Deu-lh'a minha mãe
Do que eu não gostei nada.
Pela noite adiante
Casa roubada;
Tres que nós eramos
Só eu faltava.
Lá no meio do caminho
Elle me perguntou:
—Menina honrada,
Lá na sua terra
Como se chamava?
—Lá na minha terra
Era Iria aventurada,
E n'estas montanhas
Serei desgraçada.
—Por essas palavras
Será degolada,
Entre dois penedos
Será enterrada.

D'ahi a sete annos
 Elle por alli passou :
 —Linda pastorinha
 Que ermida é aquella ?
 —E' de Santa Iria.
 Morreu degolada,
 Entre dois penedos
 Foi enterrada.
 —Santa Iria,
 Meu amor primeiro :
 Perdoa-me a morte :
 Serei teu romeiro.
 —Como te hei de perdoar,
 Cruel carniceire,
 Se tu me degolaste
 Como um carneiro ?! ¹
 —Santa Iria,
 Meu amor primeiro,
 Perdoa-me a morte :
 Serei teu romeiro,
 —Reveste-te d'azul.
 Que é a côr do céu :
 Se Deus te perdoar,
 Eu perdoar-te quero.

¹ *Como um carneiro*, é uma formula popular bastante espalhada. Outra versão; de Mondim da Beira, (ef nota comparativa), diz paralelamente: *Como um cordeiro*, mas aqui apparece o cordeiro symbolo da innocencia: vid. Gubernatis, *Mythologie zoologique*.

Esta lição parece obliterada, faltando-lhe mesmo alguns episodios fundamentaes que apparecem em outras variantes. Por exemplo, n'uma de Mondim da Beira, adiante citada, a santa, depois de enterrada, foi coberta de tojos, que se transformam em rosas, e o assassino ficou tolhido do braço direito, quando a matou. Mais incompleta é ainda, porém, a versão brazileira, tambem referida adiante, onde não temos a volta do terrivel amante, ao cabo de sete annos, que é um dos episodios mais importantes de todo o argumento.

Conheço mais variantes portuguezas do romance de Santa Iria: — de Mondim da Beira, que traz o sr. Leite de Vasconcellos, no seu *Romanceiro Portuguez*, n.º 37, p. 50; do Rio de Janeiro, com o nome de Iria a fidalga, publicada por Sylvio Romero, nos seus *Cantos populares do Brazil*, n.º 13, I, 2s; de Celorico de Basto, publicada pelo sr. Adolpho Coelho na *Zeitschrift fur romanische philologie* de Gröber, v, VIII; dos Açores, incluida nos *Cantos populares do archipelago açoriano*, do sr. Theophilo Braga; duas da Madeira, re-

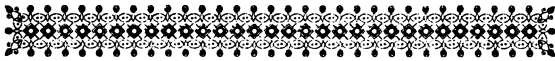
colhidos pelo sr. Alvaro R. de Azevedo no seu *Romanceiro do archipelago da Madeira*, p. 17 sqq.; e uma ultima do Algarve, inserta a pag. 181 do *Romanceiro do Algarve* do sr. Estacio da Veiga, e na qual se dá o phenomeno da transformação da redondilhã meior para maior, em que falla o sr. Thephilo Braga, no seu *Manual da Historia da litteratura portugueza*, p. 123.

Ha ainda as versões publicadas por Har-dung, *Rom por.*, 2.^o, 163; Bellermann, *Portugueesische Volkshlieder und Romanzen*, p. 20; e pelo sr. Th. Braga, no seu *Romanceiro geral*, sob n.^{os} 45, 46 e 47.

Almeida Garrett, nas *Viagens na Minha terra*, II, 36, traz uma lição, reproduzida pelo sr. Estacio da Veiga, loc. cit., p. 185. O sr. conde de Puymaigre, no *Choix de vieux chants portugais* publica igualmente esta versão de Garrett, p. 65, e a do Algarve, p. 61.

Conheço tambem versões gallegas. Traz uma D. Manuel Murguia, na sua *Historia de Galicia*, I, 570 (Lugo, 1865), e outra o sr. Myla y Fontanal, na *Romaine*, VI, 52.

Quando corrigir este artigo para a impressão definitiva, conto desenvolver e conferir ainda mais a parte comparativa.»



D

O sr. Antonio Thomaz Pires, residente no Alemtejo (Elvas) recolheu da tradição oral da provincia e publicou em um opusculo — *Poesia Popular Portuguesa*, 1891 — e no *Elvense*, varios numeros do mesmo anno, as seguintes cantigas populares, sobre o nosso Santo Antonio de Lisboa. Afasto-me gostosamente do caminho traçado ao inicio d'este livro, para inserir a deliciosa colaboração popular:

I

Santo Antonio de Lisboa,
Á porta do seu convento,

Está á mesa do auditorio,
Tratando o meu casamento.

2

Santo Antonio de Lisboa,
Venha vêr o que cá vae,
Deu a rabugem nos homens,
Como dá nos animaes.

3

Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal,
Ajudae-me a vencer
Esta batalha real.

4

Santo Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem Antonio,
General, mar'chal de campo.

5

Santo Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo
Quer que lhe chamem Antonio
Do Divino Esp'rito Santo.

6

Santo Antonio de Lisboa,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as moças,
Que mal vos fizeram ellas ?

7

Santo Antonio de Cabanas
Tem uma pipa no monte,
As mulheres bebem vinho,
Os homens agua da fonte.

8

Santo Antonio do Convento,
Não tem velas no altar,
Hei-de-me casar este anno,
Hei-de-lh'as mandar prantar.

9

Santo Antonio do Convento,
Não tem velas no andor,
Hei-de-me casar este anno,
Hei-de-lh'as mandar a pôr.

10

Santo Antonio vende peras,
Vende peras a vintem,

Lá irá o meu menino,
Santinho, avia-e-o bem.

11

Santo Antonio me acenou,
De cima do seu altar,
Olha o maroto do santo,
Que tambem quer namorar!

12

Santo Antonio leve Antonio,
Antonio me leve a mim,
Os anjos do ceo me guardem
A terra onde eu nasci.

13

Santo Antonio já foi frade,
Já foi frade, já prérgou,
Ao pedir as Ave Marias,
Seu pae da forza livrou.

14

Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Oh! que linda geração!

15

Santo Antonio, com ser santo,
Foi sempre uuu grande gaiato,
Foi á fonte com tres moças,
Recolheu, trazia quatro.

16

Santo Antonio vae aos cravos,
S. João mette p'r'á cesta,
A Virgem faz a capella
Pr'a Christo pôr na cabeça.

17

No altar de Santo Antonio
'Stá uma grande cerejeira,
Quem será a venturosa
Que colherá a primeira !

18

No altar de Santo Antonio,
'Stá um vaso de açucenas,
Onde vão as moças todas
A chorar as suas penas.

19

Ó meu padre Santo Antonio,
Que lá 'stás n'essas alturas,

Estás todo cheio de cravos,
Dos pés até á cintura.

20

Ó meu padre Santo Antonio,
Ó meu santinho de Deus,
Na noite do vosso dia
Se queimaram os judeus.

21

Ó meu padre Santo Antonio,
Vestidinho d'estamenha ;
A quem Deus quer ajudar
O vento lhe ajunta a lenha.

22

Ó meu q'rido Santo Antonio,
Acompanhae os perdidos,
Acompanhae o meu amor,
Quando vem fallar comigo.

23

Ó meu querido Santo Antonio,
Que estaes no meio dos mattos ;
Por amor dos mexericos
Se desmancham os contractos.

24

A treze do mez de junho
Santo Antonio se demove,
S. João a vinte e quatro,
E S. Pedro a vinte e nove.

25

Ailé,
Senhor Santo Antonio,
É o melhor cravo
Do meu oratorio.

26

Ó meu padre Santo Antonio,
O vosso cordão é bento;
Dae-me a luz dos vossos olhos,
Do Divino Sacramento.

27

Santo Antonio é bom filho
Que livrou seu pae da morte;
Ajuda-me a vencer
Esta batalha tão forte.

Estando o padre Santo Antonio
Aprégando o seu sermão,
Veio um anjo lá do ceu

16

Que o vinha converter :
 — Tu, Antonio, estás aqui,
 E tu não queres crer,
 Christo te manda dizer :
 O teu pai vae a morrer. —
 Santo Antonio, que isto ouviu,
 A Ave Maria pediu.
 Foi logo direito á corte,

.....

 Justiça com toda a gente :
 — Onde levas esse homem
 Padecer tão innocente ?
 — Este homem vae a morrer
 Por outro que elle matou,
 Testemunhas o juraram,
 No quintal o enterrou.
 — Vimos a esse quintal
 Onde esse homem morto está. —
 Santo Antonio benzeu a terra

.....

 — Levanta-te, homem morto,
 Com graça do Omnipotente,
 Diz lá quem te matou,
 Desengana esta gente. —
 O morto se alevantou,
 Deitou os olhos ao senado :
 Esse homem não me matou,

Nem d'elle dou signal,
Na companhia levas
Quem me fez todo o mal!
— Peço, p'la Virgem Sagrada,
Que não descubras mais,
Que venho aqui p'ra livrar,
Não venho p'ra condemnar.
— Dizei-me, ó reverendo padre,
Onde é o vosso convento,
Que vos quero ir visitar.
— O meu convento é em Padua,
Não podeis lá chegar,
Mas quero que reconheças
O vosso filho Fernando,
Que mudou nome p'r' Antonio
P'ra se livrar do demonio,
Que sempre o andava atentando.
Deixae-me ir, ó meu pae,
Acabar o meu sermão,
Que deixei aquella gente
Toda posta em oração.
— Ditoso de um tal pae,
Que tem um filho d'esta sorte,
Vem de Padua a Lisboa
A livrar o pae da morte.

2.^a VERSÃO

Estando Santo Antonio em Padua,
A prégar o seu sermão,

Veio um anjo, por Deus mandado,
A trazer-lhe a embaixada.

— Tu, Antonio, podes crer

Que teu pai vae padecer

D'uma morte innocente.

E pediu uma Ave-Maria,

No meio do seu sermão,

E foi á Sé de Lisboa.

Vio aquelle acto de gente:

— Aonde vae esse homem,

Esse homem innocente ?

— Este homem é culpado,

Porque outro elle matou,

E para maior signal

No seu quintal o enterrou.

— Vamos onde está o morto :

Levanta-te, homem morto,

Da parte do Omnipotente,

E desengana esta gente,

E diz quem te matou.

— Este homem não me matou,

Nem d'elle tenho signaes,

Mas um que mal me quera,

E na companhia o levaes;

Não quer o meu sagrado Messias

Que eu já descubra mais.

— Ó meu padre reverendo,

Dizei-me onde moraes,

Que vos quero ir visitar,

Já que não presto para mais.
— Admira-me, pae meu,
Não conhecer um filho seu,
Que lhe chamaram Fernando,
E lhe mudaram o nome p'r' Antonio
Para o livrar do demónio,
Que sempre o andava attentando.
— Ó meu filho tão amado,
O' meu filho tão querido,
Que me livraste da morte
Sem eu te ter conhecido.
— Pae, deite-me a sua benção,
De dentro do seu coração,
Que tenho de ir para Padua
Acabar o meu sermão,
Que aquelles que lá estão
Já em falta me acharão. ¹

Oração de Santo Antonio

Dae-me licença, senhor,
P'ra que eu possa louvar
D'Antonio alguns louvores.
S. Francisco mereceu
As chagas que Deus lhe deu;

¹ Este romance foi, segundo declaração do sr. A. Thomaz Pires, recolhido em Elvas pelo sr. José Joaquim Ferreira.

Vós, Antonio Sagrado,
Usasteis de tal traça,
Que abraçaes o mesmo Deus,
E o mesmo Deus vos abraça.

Estando o sacro Antonio
Dentro em Padua prégando
Dos ceus lhe veio um aviso :
—Antonio, teu pae vae a padecer
Por um falso testemunho,
Pois Deus t'ó manda dizer.—
Antonio, que isto ouviu,
Uma Ave Maria pediu,
E o espir'ito se partiu
D'Antonio sacro a pessoa
Junto á Sé de Lisboa.
C'o a Justiça se encontrou,
Elle procurou :
—Ouvi-me ó vós de Justiça !
Esse homem que ahi leuaes
Sentenciado á morte,
Sem culpa o condemnaes.
—*Pare se* ao quintal d'este homem.
Um homem morto se achou,
Com testemunhas eguaes.
Juraram que elle o matou.—
—Vamos d'onde o morto está,
Que elle se levantará,
E o desangano dará

De quem d'este caso tem culpa.
A' cova iam chegando,
E a Justiça acompanhando.
— Eu te requeiro, irmão,
Por Deus Omnipotente
Que te levantes d'ahi,
Desmagine esta gente.—
O morto se levantou,
Na sepultura se encostou,
Pela graça de Deus fallou :
— Este homem, que ahi levaez
Sentenceado á morte,
Sem culpa o condemnaes,
Esse homem não me matou,
Nem de mim teve signaes.
O homem que me matou
Na companhia o levaez :
Não quer meu sagrado Messias
Monarcha da Monarchia,
Que descubra quem é.—
Ditas as palavras santas,
A justiça se ausentou,
E o homem livre ficou.
Dando mil graças ao Padre :
— Dizei-me, ó meu Reverendo,
Dizei-me aonde moraes,
Que vos quero ir visitar
Uma hora cada dia,
Pois não presto para mais.

—Muito me admira, meu Pae,
Não conhecer seu filho Fernando,
Pelo nome se pôz Antonio
Por se livrar do demonio,
Que sempre o andava atentando!
—O' que dita de tal pae,
Que teve um filho de tal sorte!
Veio de dentro de Padua
P'ra livrar seu pae da morte!
—Dê-me licença, meu Pae,
Deite-me a sua benção,
Quero ir para Padua
Acabal-o meu sermão.
A gente que lá deixei
Em que falta me acharão!
O santo que a Padua chegou
Uma ave-Maria pediu,
E o seu sermão acabou.
Quem de vós fizer memória.
Chave de Padua real,
De Deus terá victoria,
Santo Antonio Divinal.

São ainda recolhidas pelo sr. Antonio Thomaz Pires, e publicadas na *Revista do Minho*, de Espozende, as seguintes *peças* do Folk-Lore Alemtejano,

consagradas a Santo Antonio de Lisboa:

I

Oração a Santo Antonio para fazer chover

—
Ó meu padre Santo Antonio,
Eu te metto nesta azada,
P'ra que a terra esteja toda
D'agua da chuva alagada
E o sol se esconda,
Que as nuvens venham já,
Leva o sol p'ra lá,
Traz as nuvens p'ra cá.
E se assim o não fizeres
De molho estarás tres dias,
Não te rezarei Padre-nossos,
Nem tampouco Ave-Marias.
E se o sol se esconder
Uma corôa rezarei,
E se vier a chover
Logo d'aqui te tirarei.

(ELVAS)

II

(Romance)

Estando Santo Antonio de Padua,
A prégar o seu sermão,

Um anjo lhe segredou,
Que fosse acudir ao pae,
Que hia morrer enforcado
O santo admirado ficou,
Para o seu povo olhou,
Uma Ave-Maria pediu,
Para Lisboa partiu,
Chegou ao meio da rua Nova,
Viu justiça com toda a gente :
—Onde levas esse homem
A morrer tão innocente ?
—Este homem matou outro,
No seu quintal o enterrou.
—Vamos á cova do morto
Que elle dirá a verdade.
—Levanta-te corpo morto,
Do mando do Omnipotente,
Diz aqui quem te matou,
P'ra desenganar esta gente.
—Esse homem não me matou,
Nem d'elle tenho signaes,
O homem que me matou,
Na companhia o levas.
—O meu sagrado Messias
Não quer q'eu descubra mais :
Deite-me a sua bença meu pae,
Q'eu sou o seu filho Fernando,
Que mudei o nome p'ra Antonio,
P'ra me livrar do Demonio,

Que me andava a perseguir,
Noite e dia e toda a hora.

(ELVAS)

III

Responso a Santo Antonio

a) Santo Antonio se alevantou,
Suas santas mãos lavou,
Seus santos pés calçou
Seu santo caminho andou,
No campo de Lucifér
Jesus Christo encontrou,
O Senhor lhe perguntou :
—Aonde vaes Antonio ?
—Eu, Senhor, p'r'ó ceo me vou.
—Tu p'r'ó ceo não irás,
Quantas cousas se perderem
Todas tu depararás.—
O' meu glorioso Antonio,
P'lo habito que vestistes,
Pelo cordão que cingistes,
Vistes estar vosso pae
Com sete sentenças de forca,
Não dormistes, não descançastes
Em quanto, Santo, o não livrastes
Assim vos peço Santo bemdito,
Que não dormeis, nem descanceis,

Em quanto não apparecer
O que vos peço me depareis.

(ELVAS)

b) Santo Antonio se levantou,
Seus sapatinhos calçou
Seu bordãosinho agarrou,
E Jesus Christo encontrou,
—Aonde vaes bento Antonio ?
—Eu, Senhor, comvosco vou.
—Não, comigo não irás,
Todas as cousas perdidas
Santo Antonio as deparará.

(ELVAS)

c) Santo Antonio se levantou,
Seus sapatinhos calçou
Seu bordãosinho agarrou
E Nossa Senhora encontrou :
—Aonde vaes Antonio ?
—Vou p'r'ó ceo.
—P'r'ó ceo não irás,
Na terra ficarás
Todas as coisas perdidas
Santo Antonio as amparará.

(VILLA BOIM)

*

* *

Da *Historia da Guerra da Peninsula*, pelo general Foy, destaco a seguinte pagina, relativa a Santo Antonio *militar*:

«Em 24 de janeiro de 1668, D. Pedro II de Portugal, determinou por alvará que se assestasse praça de soldado no 2.º regimento de infantaria (regimento de Lagos) ao bem-aventurado Santo Antonio de Lisboa. Como todo o individuo que se alistava no exercito, tinha de apresentar fiador, que se obrigava a substituir ou fazer substituir o alistado, caso este desertasse, a Santo Antonio deram a Virgem Maria.

Foi tão exemplar o comportamento do feliz santo, e taes os relevantes serviços que prestou a bem da patria, que conseguiu ser promovido a capitão para o mesmo regimento, em 12 de setembro de 1683.

Mas não julguem os leitores, que em tal promoção andou favoritismo, ou influencia de

sacristia, não senhores; os serviços extraordinarios prestados por Santo Antonio nas fileiras do regimento, foram provados officialmente.

Entre outros factos apurou-se, que um dia em que o regimento de Lagos devia ir de Olivença para Juromenha, a guarnição de Badajoz, informada d'esta marcha, embuscou-se em um ponto onde facilmente podia surprehender as forças portuguezas.

Felizmente não se realisou tão damnado intento, e estas forças conseguiram chegar ao seu destino sem dispararem um só tiro, o que não causou espanto a ninguem, porque muitos soldados afiançaram ter visto Santo Antonio fazer toda a marcha a pé á frente do primeiro pelotão.

Até ao fim do reinado de D. João V não se duvidou da authenticidade de um tal milagre; posteriormente o marquez de Pombal, não acreditando muito na realidade dos serviços prestados por Santo Antonio, esqueceu-se d'elle nas promoções que fez.

Chegou porém o reinado da piedosa rainha D. Maria I, e correndo ventos mais propicios,

o coronel do regimento de Lagos apresentou a sua magestade am memorial devidamente documentado, demonstrando que Santo Antonio era o capitão mais antigo dos reaes exercitos, e que tendo sido preterido por outros officiaes com menos serviços, esperava que sua magestade lhe fizesse justiça completa.

Foi attendida a exposição e o Santo graduado tenente-general em janeiro de 1780, continuando, porém, a figurar como capitão no effectivo do regimento a que pertencia, e o cofre a receber o soldo correspondente a esta patente.

O mais engraçado de tudo é que Junot, apesar de jacobino (como então chamavam aos francezes) depois de ter examinado a certidão do livro de matricula dos officiaes do regimento de Lagos, na parte relativa a Santo Antonio, continuou a mandar entregar, com toda a exactidão, ao coronel o soldo do inclito capitão, até ao momento em que, pela organização, ou antes desorganização do exercito dortuguez, dissolveu o indicado regimento.»

*

*

*

Ainda ácerca do thaumaturgo nacional, produz o sr. Theophilo Braga no 2.º vol. da sua obra *O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, as seguintes notas, firmadas no *Summario de Varia Historia*, de J. Ribeiro Guimarães, nos *Spettacoli e Feste*, de Pitre, nas *Cartas* de lord Beckford, etc. Vão a titulo de curiosidade:

«De 1 a 13 de Junho é na Italia a *trezena de Santo Antonio*, em que os lavradores e negociantes de cereaes observam com cuidado o desenvolvimento das sementeiras, tratando de tornar propicio o Santo.

Santo Antonio é o typo portuguez das sanctificações populares; é adorado como um fetiche contra todos os males, e como tal tambem amarrado, exposto ao relento ou deitado n'um poço, para satisfazer o que se lhe pede. Diz o dr. Guimarães, no *Summario de Varia*

historia: «Por muitas casas armam thronos onde encarrapitam entre flores e muitas luzes o Santo mais estimado, etc.» Refere-se ao costume de lhe entregarem petições escriptas na sua egreja ao pé da Sé: «Tudo pedem ao santo, até cousas illicitas, até o aniquilamento de inimigos, até a fortuna alheia.» Havia uma certa litteratura popular que elaborava as tradições de Santo Antonio, e redigia as petições que o povo lhe apresentava, costume porventura do tempo de Damião de Goes e dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani: «Houve, e não sabemos se ainda ha, perto da egreja do Santo, uma capellista, crêmos nós, que redigia e escrevia as petições, que logo d'ali iam ser entregues ao Santo. Temos á vista as que se acharam em um dos ultimos dias, e o theor d'ellas e mesmo a letra d'algumas faz-nos suppôr que ha pessoa que se encarrega do officio de redactor ou escrivão, como se dizia antigamente, dos memoriaes. O dr. Guimarães resume alguma d'essas petições populares escriptas apresentadas ao Santo: «Uma requerente pede ao

Santo, pelas almas de seu pae e de sua tia Maria Dias, que lhe alcance casar com quem ella tem no sentido, com o seu Luiz.» «Outro requerente pede que o Santo faça com que receba uma divida que lhe tem dado muito trabalho para haver.»—«Outra requerente pede ao Santo que lhe dê uma boa sorte e livre de afflicções, e que lhe arranje um marido que tenha fortuna e que a estime.» «Outra petição... é uma mulher pedindo ao Santo que empregue o seu valimento a fim de que sua irmã, por nome Anna, regresse a casa, para a companhia de sua mãe e irmãs, afastando-se de um homem que a traz perdida.» Este costume acha-se tambem em Lima, mas empregado para o patrocínio da Virgem.

Lord Beckford, descreve nas suas *Cartas* a festa de Santo Antonio, em Lisboa: «em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das labaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das bozinas em louvor da festa... vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas, e até das barracas d'esta po-

pulosa capital, collocada em altar e adereçada com profusão de velas de cera e de flores.»

A festa de Santo Antonio, em Cabo Verde (S. Thiago) apresenta bastantes singularidades:

«No 1.º dia de Junho saem duas meninas vestidas de branco, com grinaldas de flores, levando uma um bordão de peregrino e corôa de folha de Flandres, e outra uma sacola ou prato branco, pedindo esmolas de porta em porta, para preparativo da festa. Conseguidas as esmolas, ao despontar a aurora do dia 11, um homem tocando corneta ou busio, annuncia a solemnidade da festa e reúne os irmãos para decidirem sobre a eleição de novos individuos para irmãos ou escravos do Santo, e a exclusão de outros que se conduziram menos exemplarmente no anno anterior. Reunindo uma multidão compacta de pessoas de ambos os sexos, alinham em redor de uma casa formando, por assim dizer, uma especie de assembléa tumultuaria, a qual se divide em duas classes, uma denominada

os *brancos* e outra a que dão o nome de escravos.

«Concluido este acto, passam a arranjar uma barraca em fôrma de capella, ou *casa de orações*, e ahi erigem um pequeno altar, sobre que se colloca a imagem do santo. O altar é decorado de lenços de seda de variegadas côres, de paineis de santos, e de algumas paizagens. . . Á direita e á esquerda do altar collocam-se duas raparigas com uma vara na mão, á maneira de cherubins. . . No meio da barraca — um arco suspenso por cordões, em cuja circumferencia estão pendentes cachos de bananas, linguças, pães de ló, bolos, etc.

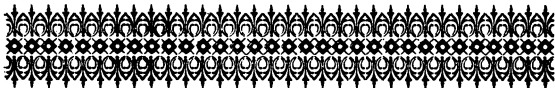
«Concluidos ritualmente os preparativos da festa, no dia 14 ou 15, mandam cantar uma missa, para cujo acto vão vestidos de uma maneira que se pôde classificar extravagante:—A rainha dos brancos e escravos, com uma corôa de lata na cabeça, uma saia debruada de fitas encarnadas e um cordão no pescoço, em que estão enfiados bolos e frascinhos de aguardente, vae montada n'um

jumento, em quanto á frente d'ella vão pulando dois homens andrajosos, mascarados e com as mãos maneatadas, a que chamam *car-rascos*. A distancia, magna caterva de mulheres com' bandeirolas brancas em cujo centro estão estampadas uma corôa e um M, vestidas á similhaça das turbas selvagens, vão fazendo continencia á rainha, e dançando ao som do tambor. Acompanhado de um numerozo concurso de romeiros, segue tambem o rei, a cavallo n'uma egua, e com um chapéo á maneira dos discipulos de Loyola.

«Acabada a missa voltam para casa, onde uma lauta e opipara comesaina os espera. No dia seguinte ao da missa, são convidados os melhores cantores da terra a uma ladainha, onde fazem uma bulha infernal.

«Cinco dias depois da missa, um *escravo* é obrigado a raptar a imagem e a ir vendel-a a alguma parte. Esta imagem tem sempre comprador, porque se acha enlaçada de cordões de ouro e outro objectos de valor. O producto da venda é applicado a missas e festanças, e o raptador tem a retriecta obri-

gação de resgatar a imagem a expensas suas. Levam assim consecutivamente trez e quatro semanas, e durante todo este tempo entregues ao ocio e á embriaguez.»



E

Ácerca do martyr S. Victor, de quem ha noticia n'este livro, deparam-se-me na *Benedictina Luzitana*, no cap. *Do Mosteiro de S. Vitouro*, as seguintes notas de Fr. Leão de S. Thomaz:

«Não quero deixar de fazer menção de uma memoria de Juliano Perez, da qual se colhe que o nosso S. Vitouro bracharense padeceu martyrio muito antes que o anno de 306. Consta do *Martyrologico Romano*, em 20 de março, que a Samaritana, a quem Christo senhor nosso pediu de beber, junto ao poço de

Jacob, (por nome Photina) teve dois filhos, um chamado Joseph e outro Victor, e que todos tres padeceram martyrio. Supposto isto, diz Juliano que, sendo este Victor, filho da Samaritana, capitão da cidade Italica, na Hespanha Betica, e vindo ás portas de Braga, para reduzir e castigar alguns lugares rebelados contra o imperador Claudio (que devia ser o primeiro de nome, antecessor de Nero) achou ahi um mancebo soldado, chamado tambem Victor, o qual converteu á fé de Christo, e que pouco tempo depois, sendo ainda cathecumeno, foi martyrisado aos 12 de abril. D'onde se colhe que se esta memoria de Juliano é verdadeira, muito tempo antes do anno 306 alcançou S. Vitouro a palma de Martyrio, porque, se o capitão Victor, filho da Samaritana, contemporanea de Christo Senhor nosso, converteu á fé o nosso Vitouro bracharense, não é de crér que tivesse tão larga vida que chegasse ao anno trezentos de Christo, para converter á fé a S. Vitouro. Por onde colhemos que supposta a memoria de Juliano, *muito antes do anno de*

300 foi o glorioso S. Vitouro convertido e martyrisado.»

Parece-me concludente.



F

Em logar competente na galeria dos meus *Santos* vae noticia de Santa Senhorinha. Em excursão pelo Minho, observei que abundam n'aquella região os devotos da alludida santa. Quero supôr que os *Santos Portuguezes* attingirão as glorias da segunda edição, e para um tal exito de assombro me vinculo á promessa de brindar aquellas boas almas com uma larga noticia da vida de Senhorinha. Deliciando-me na leitura dos prodigios operados pela benemerita dos mosteiros de Vieira e de Basto, venho a notar de passagem, que outra san-

ta *portugueza*, porque mim apresentada aos meus leitores— alludo a Santa Comba de Traz-os-Montes— é por Fr. Leão de S. Thomaz considerada filha da vizinha Hespanha e natural de Cordova. Abre-se um pleito entre o frade da *Benedictina Luzitana* e o meu Fr. Luiz dos Anjos, do *Jardim de Portugal*, que sustenta os fóros da nacionalidade portugueza da minha *sympathica* santa. E' certo que Fr. Leão de S. Thomaz cita em seu abono os respeitaveis nomes de S. Eulogio, Antonio Morales e Yepes; todavia, ha nas suas conclusões manifesta indecisão revelada por estas palavras: «*Cremos* que a gloriosa Santa Comba, que era a padroeira do mosteiro, não foi a natural de França.» E de tal *cremos* deriva-se á hypothese *cordoveza*, — uma reproducção do S. Torquato venerado no Minho... e florecente em Cadiz!

INDICE

Prefacio	III
I S. Gonçalo d'Amarante	21
II S. João de Deus	27
III S. Fructuoso	33
IV Santa Joanna	39
V Santa Izabel	47
VI Santa Comba (de Coimbra)	57
VII Santa Comba (de Traz-os-Montes) ..	61
VIII Santa Comba (do Alemtejo)	63
IX Santa Iria	65
X Santa Senhorinha de Basto	71
XI Santa Godinha	75
XII S. Damaso	77
XIII Santo Antonio	83
XIV Santa Eufemia	105
XV Santa Marinha	107
XVI Santa Engracia (<i>a</i>)	111
XVII Santa Engracia (<i>b</i>)	115
XVIII Santa Thereza (de Ourem)	119

XIX	Santa Matrona.....	123
XX	Santa Vicencia.....	127
XXI	Santa Felicissima.....	129
XXII	Santa Quitéria.....	131
XXIII	Varias Santas: (Celerina, Suzanna, Livrada, Basilissa, Victoria, Marciana, Germana, Genebra, Revocada, Maxima, Julia, Pelagia, Achileya, Theodosia).....	135
XXIV	S. Francisco Xavier.....	151
XXV	S. Rozendo.....	169
XXVI	Varios Santos: (Martinho, Victor, Pedro de Rates, Frei Gil, Mansos, Verissimo, Cucufate, Theotonio). ..	175
XXVII	S. Geraldo.....	183
	Notas.....	199

ERRATA

A pag. 57, 5.^a linha, onde se lê *que*, leia-se *quem*;
e na mesma pag., linha 11, onde se lê *Anjos que mor-*
reu, leia-se *Anjos*: — *que morreu*.

761023

BX4659
P855

Silva Pinto, A.J. da
Santos portuguezes

JUN 27 1931

Aug 27 1948

W.L.

Southampton

Y6190253

761023

BX4659

P855

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

